

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Programa de Pós-graduação em Comunicação - Mestrado

Alessandra Cristina Guimarães

A mediação da religião na Congregação Cristã no Brasil: os
"CCBTokers" e a (im)prevista visibilidade de uma denominação

São Paulo
2023

ALESSANDRA CRISTINA GUIMARÃES

A midiatização da religião na Congregação Cristã no Brasil: os "CCBTokers" e a (im)prevista visibilidade de uma denominação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador:

Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino

São Paulo
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Prof. José Geraldo Vieira

Guimarães, Alessandra Cristina

A midiatização da religião na Congregação Cristã no Brasil : os “CCBTokers” e a (im)prevista visibilidade de uma denominação. / Alessandra Cristina Guimarães -- São Paulo, 2023.

92 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino

1. Comunicação. 2. Congregação Cristã no Brasil. 3. Mídia digitais. 4. Midiatização da religião. I. Martino, Luís Mauro Sá. II. Faculdade Cásper Líbero, Mestrado em Comunicação. III. Título.

CDD 302.23

Bibliotecária responsável: Cláudia Luísa Siqueira - CRB 8/10260

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTORA: ALESSANDRA CRISTINA GUIMARÃES

**“A MUDIATIZAÇÃO DA RELIGIÃO NA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO
BRASIL: OS CCBTOKERS E A (IM)PREVISTA VISIBILIDADE DE UMA
DENOMINAÇÃO”**



Documento assinado digitalmente
BRENO MARTINS CAMPOS
Data: 03/07/2023 18:59:33-0300
Verifique em <https://validar.ti.gov.br>

Prof. Dr. Breno Martins Campos
Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC



Documento assinado digitalmente
MARLI DOS SANTOS
Data: 30/06/2023 10:37:51-0300
Verifique em <https://validar.ti.gov.br>

Profa. Dra. Marli dos Santos
Faculdade Cásper Líbero - FCL



Documento assinado digitalmente
LUIS MAURO SA MARTINO
Data: 26/05/2023 13:46:45-0300
Verifique em <https://validar.ti.gov.br>

Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 20 de junho de 2023

À todos aqueles que ganharam uma nova oportunidade de viver. Aproveite!

AGRADECIMENTOS

A realização desta conquista é permeada por agentes que, em menor ou maior grau, contribuíram para que essas palavras fossem escritas como ato final antes da entrega deste trabalho. Assim, primeiramente, agradeço a Deus por possibilitar a conquista deste sonho. Eu O agradeço por ter sido da forma que foi, no ano de 2023, rodeada por pessoas que foram colocadas por Ele em meu caminho. Agradeço a Ele também pelo pensamento crítico colocado em nós, seres humanos. A liberdade de pensar, refletir, discordar e propor mudanças é um dom da divindade para a humanidade.

Aos meus pais, meus grandes incentivadores. Minha mãe, mãe-leoa, que incansavelmente orou por mim durante esta fase. Meu pai, torneiro mecânico, que aos 75 anos continua operando máquinas, dedicou-se intensamente para a formação educacional dos filhos. O exemplo de determinação, responsabilidade, compromisso e garra desse casal me guiam desde a infância. Aos meus irmãos e suas famílias que em todo o tempo me deram força. Um destaque particular ao meu irmão Alexandre (Tatão): nos dias mais difíceis da minha caminhada no *Stricto Sensu*, minha inspiração foi você. Acompanhar a sua trajetória até a conclusão de medicina serve para mim como um exemplo de que sonhos são individuais. Nós somos os únicos responsáveis por correr atrás deles!

Ao Guilherme... ter você comigo na conclusão deste projeto é algo que só Deus pode explicar. E eu O agradeço também por isso! Porque o seu apoio, a sua companhia, o seu incentivo, sua amizade e seu amor me fizeram chegar até o fim. A sua parceria foi fundamental, por isso esta vitória também é sua!

Às minhas grandes amigas Migueli, Sâmela, Jenifer e Karina (e nosso gatinho Nick), que neste processo tiveram participação particular. Cada uma de vocês possui um grande papel nesta vitória, e vocês sabem disso. Vocês são a minha rede de apoio, em todos os momentos, e eu sei o quanto a minha felicidade também transborda hoje em vocês. Nós conseguimos! Nick, obrigada por, algumas vezes, ter apagado com as suas patinhas algumas páginas do trabalho. Sua atitude me fez refletir se elas eram realmente boas!

Aos queridos professores que acompanharam o meu desenvolvimento: Prof^ª. Dr^ª. Marli dos Santos, Prof^ª. Dr^ª. Carolina Terra, Prof^º. Dr^º. Liráucio Girardi Filho e Prof^ª. Dr^ª. Michelle Prazeres. Em particular, agradeço imensamente ao Prof^º. Dr^º. Carlos Eduardo Souza Aguiar, meu primeiro orientador do *Stricto Sensu*, que me ajudou a viver experiências acadêmicas sensacionais. Agradeço também de forma especial ao Prof^º. Dr^º. Luís Mauro Sá Martino, que a despeito dos furacões que atravessamos institucionalmente, não mediu esforços para me conduzir até a entrega deste trabalho, me incentivando, em todas as oportunidades, a continuar o percurso rumo ao doutorado.

Agradeço também todos os "nãos" que recebi. Acredito firmemente que eles tiveram grande participação na resistência em permanecer com esta meta. Por fim, agradeço às fontes que, informalmente, me trouxeram esclarecimentos sobre sua fé e me ajudaram a compreender um pouco de suas vivências religiosas.

RESUMO

Esta pesquisa examina a presença e a produção de conteúdo dos adeptos da denominação pentecostal Congregação Cristã no Brasil (CCB) no TikTok, uma plataforma digital de mídia social. Apesar de historicamente a denominação optar pelo afastamento institucional das mídias, em março de 2020, por conta da pandemia de covid-19, a denominação se viu na necessidade de incorporar o culto on-line como forma de manutenção das ritualidades em tempos de isolamento social. Paralelamente ao período, uma nova plataforma de mídia social emerge, apresentando novas ferramentas de interação e, assim, atraindo criadores de conteúdo. Entre eles, adeptos da CCB que levaram para o TikTok emblemas, tradições e dogmas da fé que processam. Como objetivo geral, este estudo contribui para a compreensão do fenômeno da midiatização do religioso, sobretudo, em uma denominação avessa às tecnologias de comunicação. Para esta pesquisa, adotamos a abordagem qualitativa, com o uso da análise de conteúdo no período de uma semana para organizar e categorizar as características das produções desses agentes no TikTok. Os resultados revelam que os fiéis da CCB são ativos criadores de conteúdo, abordando em suas produções as tradições, costumes e questões dogmáticas específicas de sua fé, escancarando as tradições de uma fé que historicamente é professada de forma discreta e particular.

Palavras-chave: Comunicação. Midiatização da Religião. Congregação Cristã no Brasil. Mídias Digitais. TikTok.

ABSTRACT

This research examines the presence and production of content by adherents of the Pentecostal denomination Congregação Médica no Brasil (CCB) on TikTok, a digital social media platform. Although historically the denomination opted for institutional removal from the media, in March 2020, due to the covid-19 pandemic, the denomination found itself in the need to incorporate online worship as a way of maintaining rituals in times of social isolation. . Parallel to the period, a new social media platform emerges, presenting new interaction tools and, thus, attracting content creators. Among them, CCB fans who took to TikTok emblems, traditions and dogmas of the faith they sue. As a general objective, this study contributes to the understanding of the phenomenon of mediatization of the religious, above all, in a denomination averse to communication technologies. For this research, we adopted a qualitative approach, using content analysis over a period of one week to organize and categorize the characteristics of these agents' productions on TikTok. The results reveal that the CCB faithful are active creators of content, approaching in their productions the traditions, customs and specific dogmatic questions of their faith, opening up the traditions of a faith that historically is professed in a discreet and private way.

Keywords: Communication. Mediatization of Religion. Christian Congregation in the United States, , TikTok.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 - DA IMIGRAÇÃO ITALIANA À IGREJA DO VÉU.....	17
1.1 Louis Francescon: do protestantismo ao pentecostalismo.....	18
1.2 O Brasil religioso no início do século 20.....	22
1.3 O pentecostalismo da Congregação Cristã no Brasil.....	27
1.4 Congregação Cristã no Brasil e a passagem do tempo.....	32
CAPÍTULO 2 - CCB E A MÍDIA: ENTRE TENSÕES E CONEXÕES.....	38
2.1 Igreja desconectada e o desafio pandêmico.....	48
2.2 Papéis midiáticos e tensões denominacionais.....	54
CAPÍTULO 3 - DA TRADIÇÃO AO TIKTOK.....	59
3.1 Delimitações para análise.....	61
3.2 Categoria: Trend.....	64
3.3 Categoria: Estilo.....	68
3.4 Categoria: Cotidiano/Tradição.....	70
3.5 Categoria: Contra-tradição.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	84
APÊNDICE.....	88

INTRODUÇÃO

Em 2023, com o intenso fluxo de informação disponibilizada digitalmente, pode parecer uma tarefa tangível o levantamento e a pesquisa de dados sobre uma denominação religiosa centenária. Mas se tratando da Congregação Cristã no Brasil (CCB), ao que tudo indica, este não é o caso. A CCB, que pode ser considerada uma igreja brasileira (MENDONÇA, 1990), até abril de 1962, carregava o nome de Congregação Cristã do Brasil. Uma ligeira mudança da preposição, cujo esclarecimento encontrado no site da denominação afirma que a alteração aconteceu por "questões doutrinárias" (CCB, s. d.).

A CCB opõe-se publicamente a qualquer informação disponibilizada a seu respeito, ou meios que se auto proclamam oficiais da igreja. Dessa forma, o obstáculo para ter acesso às informações da denominação que forma o segundo maior grupo evangélico do Brasil, com mais de dois milhões e meio de adeptos (CAMURÇA, 2013), é a própria igreja, como é possível perceber em informação disponibilizada pela denominação em seu site:

A CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL não autoriza a divulgação pública através de meio eletrônico de qualquer informação a seu respeito, não estando autorizado a tanto quem, através de "site" não pertencente à CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL, se afirme como "site" oficial. Quem o fizer estará atuando em nome, interesse próprio e responsabilidade pessoal, estando sujeito às sanções legais. A CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL só se manifesta através de seu Conselho de Anciães ou sua Administração. Todas as comunicações da CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL são feitas somente por meio da Lista de Batismos e Avisos Diversos ou "Carta Circular", redigidas e aprovadas em Reunião do Conselho de Anciães mais antigos do Brasil e ou Reunião Regional Ministerial - RRM, para serem lidas perante a nossa irmandade (CCB, s. d.).

Mesmo com a igreja contando com uma página na internet, materiais oficiais da denominação, como seu código de ética, e alguns dados específicos, por exemplo, o número preciso de sua membresia não é uma informação pública, assim como vemos nas páginas de outras denominações evangélicas. A Congregação também não possui literatura própria ou materiais de proselitismo. Assim, ter acesso a fatos particulares da denominação, como registros dos anos iniciais do grupo ou ensinamentos orientados à membresia, não é tarefa fácil. Esse posicionamento coloca a denominação numa espécie de núcleo familiar cerrado, desinteressada em

disponibilizar seus elementos particulares, como sugere Sérgio Leite em sua pesquisa sobre o cotidiano das mulheres da Congregação Cristã no Brasil em Carapicuíba:

A escassa documentação da denominação não nos permite um conhecimento mais aprofundado de seu funcionamento e de suas relações internas nos primeiros anos, inclusive de seu crescimento, uma vez que não adotavam nenhum tipo de registro dos seus membros. Não havia qualquer tipo de cadastro para comunicação ou outro tipo de contato, a não ser o registro do número de batizados e dos participantes da Santa Ceia, divulgados nos finais dessas cerimônias pelo atendente do culto, que anunciam quantas irmãs ou irmãos (obedeceram) se batizaram ou tomaram a Santa Ceia, em cada templo espalhado pelo Brasil (LEITE, 2008, p. 35).

É possível indicar, dentre os fatores responsáveis pela escassez de registros de fundamento do grupo, o fato de se tratar de uma comunidade religiosa iniciada por um operário imigrante italiano, Louis Francescon, que mostrava-se pouco confortável com o português. Nos anos iniciais, em território brasileiro, o missionário captou exclusivamente outros conterrâneos, que em semelhança possuíam barreiras com o idioma. Somado a isso, a provável baixa escolaridade do líder e seus adeptos também soa como atitude justificável para a carência de registros que contam a história da denominação. Entretanto, mesmo superadas tais barreiras que aqui entram como conjectura, a CCB ainda mantém a mesma posição, que demonstra não haver interesse em produzir literaturas denominacionais e, mais ainda, tornar pública informações que constroem e situam a identidade da denominação na sociedade brasileira e no pentecostalismo.

Acrescida a questão dos registros, a instituição possui outra característica que emerge como um tópico interessante para a pesquisa em Comunicação: o afastamento oficial da mídia e de qualquer plataforma que coloque o grupo religioso em evidência. Com tal posição, a denominação parece propor que a prática de fé dos seus adeptos seja uma experiência reservada apenas à comunidade que professa as mesmas crenças, ou seja, expondo seus discursos e rituais unicamente de forma imersiva, *in loco*.

A decisão por manter seus registros reservados a um ciclo intimista denominacional, acrescido à decisão pelo afastamento das mídias, por si só, posiciona a CCB no patamar de um movimento religioso evangélico que caminha na

contramão de outras denominações, como a Assembleia de Deus (AD) e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Entretanto, a lógica privada da igreja parece não existir quando o assunto é a produção de conteúdo sobre a CCB a partir dos adeptos nas mídias sociais digitais. Ao que parece, as prescrições denominacionais não impactam a participação dos membros da Congregação nesses espaços, encontrando nas plataformas de mídia digital uma forma de abrir as portas de uma igreja extremamente privada.

A título de exemplo introdutório, trazemos a descrição de um vídeo no TikTok, o aplicativo que é a marca de rede social mais valiosa do mundo (FORBES, 2023), postado por um perfil de um jovem membro da CCB. A cena gravada mostra o interior de uma igreja, onde alguns homens vestidos de terno e gravata dão pulos e erguem os braços. O vídeo foi visualizado mais de dois milhões e meio de vezes e possui mais de três mil comentários. Entre os comentários, alguns dizem estranhar a cena mesmo participando há quarenta anos da denominação. Já outros respondem com "glórias", "só quem sentiu sabe que é glorioso", "aleluia" e outras manifestações de aceitação.

No entanto, alguns comentários concentram-se na busca por esclarecimentos do que ocorre no vídeo, e outros repudiam a gravação por tratar-se de um momento particular, lembrando o tempo em que pegar o celular durante os serviços espirituais era algo que produzia escândalo.

Esse é apenas um dos inúmeros perfis encontrados no TikTok que dedicam-se quase que inteiramente à produção de conteúdos que apresentam aos usuários da rede a fé que participam, a despeito da posição institucional de afastamento dos meios de comunicação. Assim, percebemos um novo agenciamento da expressão religiosa, que escapa das mãos da instituição denominacional e migra para a instituição midiática, onde novas religiosidades vão se formando a partir desses espaços.

A Internet e outras mídias digitais tornaram-se uma plataforma de suma importância para a disseminação e discussão das questões religiosas, possibilitando a muitos indivíduos e movimentos religiosos expressar suas ideias e sentimentos religiosos para além da estrutura tradicional da Igreja e, assim, mudando a forma de interação das instituições religiosas com suas comunidades (HJAVARD, 2014, p. 130).

A CCB adota uma postura avessa ao ambiente midiático, o que faz com que sejam os próprios membros que lideram a inserção da denominação no contexto digital. Nesse contexto, surge a seguinte pergunta para este estudo: como os membros da CCB utilizam o TikTok para promover sua religiosidade? O objetivo é examinar como os seguidores da CCB estão promovendo as práticas religiosas da denominação por meio do TikTok. Mais especificamente, busca-se entender o tipo de conteúdo produzido, identificando se há maior alinhamento com a doutrina religiosa ou com as práticas contemporâneas das mídias.

Para este trabalho será usada a análise de conteúdo, cujo método nasce com o objetivo de compreender os múltiplos formatos de produção que as comunicações sociais distribuem, oferecendo instrumentos que nos ajudam a enxergar novos significados. De forma conceitual, a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2016, p. 45).

Como explica Martino (2018), essa metodologia de pesquisa é útil para desmontar mensagens, colocando à vista singularidades quase que ocultas que servem para compreender de forma ampliada fenômenos sociais ou psicológicos. Podemos dizer que um dos grandes beneficiários desse método são os pesquisadores do campo da comunicação, sobretudo, trabalhos que debruçam-se em interpretar mensagens do ambientes digital, como ressalta Martino (2018):

Na Comunicação, a análise de conteúdo se interessa pela *mensagem*. [...] Os trabalhos focados em conteúdo se dirigem principalmente ao "texto" – a mensagem, em qualquer meio, das páginas de um livro aos *pixels* de uma tela. A análise de conteúdo procura os significados menos óbvios, despercebidos em um primeiro contato, usando pistas existentes na mensagem (MARTINO, 2018, p. 158).

Assim, ao mesmo tempo, a análise de conteúdo trabalha com o rigor científico – buscando encontrar constância, padrões de formato, delimitações de tempo – sem ignorar estruturas que, de cara, podem parecer superficiais e subjetivas, mas que inseridas na técnica da análise de conteúdo são elementos que

também constroem os significados do *corpus* comunicacional escolhido, fazendo deste método uma exploração qualitativa.

Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem (BARDIN, 2016, p. 3).

Por isso, dentro da análise de conteúdo, é importante a fase de pré-análise do objeto, onde corresponde a quase que um período de intuições, de leitura flutuante, de imersão nos documentos e surgimento de impressões que servem para a formulação da hipótese e objetivos (BARDIN, 2016).

A trajetória dessa pesquisa teve início em 2022, quando nos deparamos com o perfil @colirios.ccb no Instagram, uma plataforma de mídia social. Esse perfil, que possui mais de 80 mil seguidores, apresenta fotos de jovens membros da CCB posando na frente dos templos da denominação, com destaque para a inscrição "Em nome do Senhor" presente nas fachadas e púlpitos. Embora o nome do perfil tenha despertado interesse por parecer remeter a um projeto da revista *Capricho*, que elegia os garotos mais bonitos do Brasil, foi um outro aspecto em particular que chamou à atenção. Na descrição do perfil, havia um texto que deixava claro que a iniciativa não era oficial da CCB. Esse destaque para a não oficialidade chamou nossa atenção e nos levou a pesquisar o motivo dessa informação estar presente neste e em outros perfis que congregavam adeptos da CCB. A partir disso, em pesquisa no site oficial da denominação, foi possível conferir nas escassas documentações abertas, o posicionamento da igreja em relação ao envolvimento com as mídias.

Após verificação exploratória no Instagram e TikTok, foi possível perceber indícios que, independentemente da postura institucional, os adeptos da CCB têm utilizado essas plataformas como uma forma de promover as tradições e práticas religiosas da denominação. Embora o Instagram tenha sido o ponto de partida desse trabalho, a escolha por produções a partir do TikTok ocorreu quando percebemos que esse aplicativo, focado na produção de vídeos, oferecia um maior volume de produções dinâmicas em comparação ao Instagram, que divide suas ferramentas em diversos formatos. Assim, essa pesquisa se justifica por ser uma

contribuição aos estudos da midiatização da religião, situando academicamente a CCB como um objeto de estudo, que pode oferecer perspectivas sobre a relação tradição e mídias sociais digitais.

A saber, o estudo que intersecciona mídia e religião no Brasil começa nos anos 1960 (MARTINO, 2017). Todavia, há uma certa invisibilidade quanto à produção científica sobre a CCB. O problema, no entanto, não reside no preconceito em torno da denominação, mas porque outros objetos que representam a ala do pentecostalismo brasileiro acabam emergindo mais facilmente por sua acessibilidade em materiais e expressões. Monteiro (1995) mostra que, no final dos anos 80, com o crescimento do neopentecostalismo, brasileiros e estrangeiros passaram a interessar-se pela temática, mas observando apenas poucos objetos:

Enquanto publicações sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) encham prateleiras, pode-se contar com os dedos os estudos sobre a Congregação Cristã no Brasil. [...] É diante deste cenário que entendo ser relevante situar a Congregação Cristã no Brasil na agenda de pesquisa sobre o pentecostalismo brasileiro, pois estamos falando de uma lacuna de conhecimento científico que pode e deve ser subsidiado por uma abordagem teórico científica desta que é a mais antiga denominação pentecostal em atividade no Brasil, e a segunda igreja com mais seguidores entre as igrejas evangélicas, atrás apenas da Assembleia de Deus (FOERSTER, 2009, p. 18).

Poucos são os pesquisadores que colocam suas lentes sobre esta organização religiosa. Como afirma Mariano (2021), a questão deveria ser diferente, afinal:

Conhecer melhor o que esta Igreja e os seus adeptos representam é conhecer melhor a própria sociedade brasileira, visto que este grupo, por mais distinto e peculiar que possa parecer, faz parte da sociedade brasileira e contribui na formação desta, por meio de seu estilo de vida, sua visão de mundo, suas relações e ações sociais. Cabe ressaltar que o campo de pesquisa em torno da Congregação permanece carente, mesmo com alguns esforços realizados por pesquisadores de diversas áreas das Ciências Humanas (MARIANO, 2021, p. 18).

É verdade que esta pesquisa, em comparação a outros estudos que se debruçam sobre o pentecostalismo midiático, fica em dívida na apresentação de diversificadas fontes históricas e documentos institucionais. Entretanto, esse estudo é fruto de uma insistência em documentar um fenômeno midiático relativamente

novo que está se desenrolando em uma das maiores denominações pentecostais do Brasil. Ainda assim, para suporte teórico, nos apoiamos em diversos autores que entram com forte contribuição para o desenvolvimento da pesquisa. Para citar alguns, colocamos em evidência Hjavard (2014), Hoover (2006), Martino (2017), Campbell (2021), Camargo (1973), Mendonça (1984; 1990) e Mariano (1999). Todos autores relacionados ao estudo da comunicação e/ou religião, sobretudo, o pentecostalismo brasileiro. Formam esta pesquisa um total de três capítulos, onde o primeiro tem como objetivo esboçar o panorama social-religioso no qual a CCB é instituída, pontuando questões pertinentes que nos ajudam a compreender a representatividade desta denominação no cenário pentecostal brasileiro. Na segunda seção, trazemos os aspectos da relação entre a Congregação Cristã no Brasil e a mídia. E, como terceiro capítulo, apresentamos a parte metodológica da pesquisa e suas inferências.

Por fim, reconhecemos, desde já, que este trabalho não pretende abarcar completamente a análise desse objeto de estudo. Ao contrário, à medida que avançamos nesta pesquisa, constatamos que há uma vasta quantidade de aspectos a serem documentados sobre as novas experiências religiosas que os adeptos da CCB estão vivenciando por meio da expressão de uma religiosidade digital, um fenômeno comunicacional em que a CCB se encontra, mesmo sem ter a intenção explícita de se envolver nesse contexto.

CAPÍTULO 1 - DA IMIGRAÇÃO ITALIANA À IGREJA DO VÉU

Arquitetura uniformizada, tendo apenas o cinza e o branco como cor em destaque em seus templos, a CCB, iniciada em 1910, é a primeira denominação considerada por uma ala de pesquisadores da área (CAMARGO, 1973; MENDONÇA, 1984; FREESTON, 1994; ANTONIAZZI, 1994; MARIANO, 1999) pertencente ao pentecostalismo clássico, originado nos Estados Unidos no início do século 20, dividindo espaço com a AD. Mas antes de seguir, é interessante posicionar neste trabalho, ainda que superficialmente, as bases do que vem a ser o movimento pentecostal.

Do ponto de vista teológico, o pentecostalismo é uma manifestação que relembra as origens do cristianismo, pois incorpora elementos que marcaram a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes para um grupo de pessoas reunidas em um mesmo lugar, um marco de formação da igreja cristã primitiva. Segundo essa linha teológica, nos dias de hoje, aqueles que buscarem uma experiência genuína com o transcendental também podem experimentar o "batismo do Espírito Santo" assim como nos primórdios da igreja cristã. A partir dessa chancela as manifestações emblemáticas ocorrem, como dom de línguas, profecias, curas etc., o que representa uma confirmação da sujeição à vontade de Deus. Conforme Mendonça (1990), o movimento pentecostal contemporâneo instalado no Brasil, a partir de 1910, tem raízes norte-americanas.

Do aspecto institucional, o pentecostalismo nunca foi um movimento homogêneo, pois sempre agregou diversas experiências eclesiais, apresentando um dinamismo particular (CUNHA, 2010).

Desde o início, conteve diferenças internas. Congregação Cristã e Assembléia de Deus, as duas primeiras igrejas pentecostais fundadas no Brasil, a primeira em 1910, a segunda em 1911, sempre apresentaram claras distinções eclesiásticas e doutrinárias que, com o passar do tempo, geraram formas e estratégias evangelísticas e de inserção social bem distintas (MARIANO, 1999, p. 23).

Interessante é que a CCB nega o rótulo de movimento pentecostal, apresentando-se como uma "comunidade religiosa inteiramente fundamentada na doutrina e Fé apostólica contidas no Novo Testamento da Bíblia Sagrada" (CCB, s.d). No entanto, pelas lentes dos estudos sociológicos, seu enquadramento nesta

classificação se dá por conta da ênfase nas experiências com o "batismo do Espírito Santo" e o "falar em línguas desconhecidas".

No caso da CCB, também podemos negar a existência de um dono ou personalidade pública da igreja. Desde o início, como aponta Mendonça (1990), a igreja não foi estabelecida com base em suporte financeiro vindo do exterior, como ocorria com missionários presbiterianos, batistas e luteranos. Na verdade, como ressalta o historiador francês Émile G. Léonard, autor do livro *O protestantismo brasileiro*, publicação que continua a ocupar espaço de vitalidade para a interpretação de fé, a história da CCB é particularmente interessante, pois, de acordo com seu ponto de vista, a partir de um homem apenas, origina-se um vasto movimento espiritual (LÉONARD, 1952).

1.1 Louis Francescon: do protestantismo ao pentecostalismo

O ajuntamento de pessoas que mais tarde formaria a denominação também conhecida por "igreja do véu" – pois segundo a doutrina da CCB, as mulheres devem cobrir cabeça com o véu durante o culto, dentro ou fora da igreja – começou pelas mãos do italiano Louis Francescon, que saiu dos Estados Unidos para realizar viagens missionárias, e encontrou no Brasil um campo próspero para o desenvolvimento de sua teologia pentecostal. Reily (2003), remontando o percurso histórico da fé reformada no país a partir de documentos denominacionais, reserva algumas páginas de sua produção para a explanação da chegada do fenômeno pentecostal no país e, conseqüentemente, o contexto dos fundadores:

Luigi Francescon nasceu em Cavasso Nuovo, província de Udine, Itália, a 29 de março de 1866. A exemplo de muitos dos seus conterrâneos, emigrou para os Estados Unidos e radicou-se em Chicago em 1890. Valdense, Francescon filiou-se à Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago, e posteriormente foi batizado por imersão, provavelmente no lago Michigan, no dia 7 de setembro de 1903 (REILY, 2003, p. 367).

Francescon imigrou da Itália para os Estados Unidos como católico, porém, em solo americano, converteu-se ao protestantismo graças à evangelização de outro italiano, Michele Nardi. O grupo liderado por ele organizou o início da Primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago, onde Louis Francescon assumiu a função

de diácono, posição de liderança eclesiástica que, em muitos momentos, cumpria a função do pastor nos serviços da igreja. Além disso, Louis Francescon tinha participação no corpo administrativo do presbiterianismo de Chicago, onde envolvia-se nas discussões administrativas do grupo protestante (MARIANO, 2021).

Passados os anos, Francescon registra ter vivenciado uma experiência sobrenatural numa noite ajoelhado em seu quarto, na qual ouviu uma voz que o questionava sobre o batismo bíblico por imersão. Ele respondeu que até o momento não havia sido orientado sobre o assunto, porém, a questão sobre a maneira bíblica de ser batizado o incomodou por anos, levando o assunto ao púlpito presbiteriano por algumas vezes. Quase dez anos depois da experiência em seu quarto, Francescon conseguiu realizar o que entendia ser o pedido de Deus naquela noite, porém, os anos debatendo a questão com sua comunidade religiosa parece ter impulsionado sua saída da Igreja Presbiteriana:

Como membro da administração da referida Igreja, falei do batismo determinado nas escrituras e como o Senhor mesmo me ordenou obedecê-Lo. Todos se manifestaram contra mim, inclusive o pastor, ao qual eu tinha comunicado por carta na mesma noite que o Senhor me havia falado. [...] Após 9 anos que o Senhor me falou em obedecer ao Seu mandamento, amanhã, com a ajuda de Deus, terei a oportunidade de obedecê-Lo e se algum de vós quiser assistir, venham ao (Lake-front, de Chicago) em tal lugar, às tantas horas. Vieram cerca de 25, dos quais 18 obedeceram juntamente comigo. Fomos imersos pelo irmão G. Beretta. [...] Pouco tempo depois, o pastor (F. Grilli) voltou da Itália e no primeiro domingo que nos reunimos, disse-lhe eu que desejava dirigir algumas palavras à irmandade antes de seu sermão, o que me foi concedido. [...] Então exortei-os que, se quisessem também ser participantes das promessas de Deus, seria necessário obedecê-Lo conforme Sua palavra. Em seguida apresentei minha demissão de ancião, secretário e membro daquela Igreja. Todos se maravilharam e pediram que não os deixasse e eu lhes respondi que aquela decisão não era por mim premeditada, mas sim, ordenada por Nosso Senhor (FRANCESCON, 1942).

Assim, o italiano decidiu-se por romper com o grupo. Junto à sua esposa, Rosina Balzano, outros presbiterianos o acompanharam, foi então que este grupo passou a reunir-se em casas a fim de praticar os ensinamentos que entendiam ser a vontade de Deus.

Mas o que mudou drasticamente a trajetória espiritual de Francescon foi o encontro com o movimento pentecostal norte-americano, que pregava e

manifestava-se a partir do "batismo do Espírito Santo", que significa falar em línguas desconhecidas, ou, glossolalia. Como aponta Reily (2003), Francescon foi influenciado pelo pastor batista de Chicago, que participou de um movimento de avivamento em Los Angeles, em 1906. No ano seguinte, Francescon vive sua primeira experiência pentecostal: a glossolalia.

O Senhor me fez encontrar com um irmão americano, um dos primeiros a receber a promessa do Espírito Santo, em Los Angeles, no ano de 1906 e, por meio dele soube que na W. North Ave, 943, havia uma missão que anunciava a promessa do Espírito Santo e que o próprio pastor (W. H. Durham) a havia recebido. Na primeira semana frequentei sozinho aquele serviço e o Senhor me confirmou que aquela era Sua obra. [...] No mês de Julho a minha esposa foi a primeira a ser selada com o Dom do Espírito Santo, falando em língua Sueca e a irmã Dora Di Cicco foi a segunda, falando em língua Chinesa. Em 25 de Agosto o benigno Senhor se comprazeu selar também a mim (FRANCESCON, 1942).

Juntamente com o falar em línguas, Francescon assumiu uma posição de evangelizador para o povo italiano, não apenas em Chicago, mas também em Saint Louis, Los Angeles, Nova York e Filadélfia, buscando alcançar os parentes dos seus conterrâneos, pois acreditava ter sido chamado pelo Sagrado.

Em 1909, por "santa revelação", Louis Francescon partiu de Chicago para a América do Sul, mais precisamente, Buenos Aires, na Argentina, acompanhado de duas pessoas: Giacomo Lombardi e Lúcia Menna (REILY, 2003). A premissa que o levou foi o chamado que sentiu para ser o escolhido a apresentar ao povo italiano a mensagem do "batismo do Espírito Santo".

Com a adoção pentecostal, o desejo missionário passa ser o de alcançar os italianos onde quer que eles estejam. Ou seja, nos Estados Unidos, na Itália e em países que receberam imigrantes italianos (MARIANO, 2021, p. 51).

No documento 180, inserido no livro *História Documental do Protestantismo no Brasil*, há um resumo que relata a expedição missionária de Francescon ao Brasil. O relato documental inserido no livro é conhecido como "Histórico da obra de Deus, revelada pelo Espírito Santo, no século passado", um resumido testemunho de Francescon que, em 1998, passou por nova edição e hoje pode ser acessado no

Histórico de Ensinamentos¹ da CCB de 1998. O relato é quase um ato inaugural dos trabalhos de evangelização do grupo:

Em 8 de março de 1910, por determinação do Senhor, partimos direto a São Paulo, (Brasil). No segundo dia de nossa chegada àquela Capital, divinamente guiados, encontramos no Jardim da Luz um italiano chamado Vicenzo Pievani (ateu) morador em Sto. Antonio da Platina, Estado do Paraná, e lhe falamos da Graça de Deus. Dois dias após, V. Pievani voltou a Sto. Antônio da Platina, e nós permanecemos em S. Paulo até aos 18 de abril, quando então por vontade de Deus, o irmão G. Lombardi partiu para Buenos Aires e eu para Sto. Antônio da Platina, ...chegando... em 20 de abril (REILY, 2003, p. 368).

A jornada de Louis Francescon até Santo Antônio da Platina, interior do Paraná, encontrou algumas dificuldades. Francescon não falava nem ao menos uma palavra em português, além de estar sem recursos e doente.

Deus, porém, que tem todos os corações em Suas mãos, me fez ver a primeira maravilha; ao chegar àquele lugar encontrei na janela a esposa do italiano Vicenzo Pievani tendo o Senhor lhe dito: "Eis o homem que eu vos enviei". (Note-se que eu não era esperado.) Assim, fui recebido em sua casa e poucos dias depois, o Senhor comprazeu-se abrir seus corações e de mais nove pessoas. Foram batizadas na água onze pessoas e confirmadas com sinais do Altíssimo (REILY, 2003, p. 368).

A passagem do missionário pentecostal pelo interior do Paraná foi mais do que uma experiência de confirmação espiritual do seu "chamado missionário", também envolve riscos à vida do imigrante, segundo relata. Quando souberam da chegada de um missionário que divulgava uma fé diferente das práticas da localidade – e do próprio país – um grupo de moradores de Santo Antônio da Platina, juntamente com um sacerdote, juraram matar o homem que anunciava o batismo pelo Espírito Santo. "Isto teria sucedido se Deus não interviesse com seus meios" (REILY, 2003, p. 368).

Parti de Sto. Antônio da Platina em 20 de junho, com destino a São Paulo. Apenas chegando àquela Capital, o Senhor permitiu abrir

¹ O documento está disponível na página <https://ccbempdf.blogspot.com/>, uma iniciativa leiga para disponibilizar arquivos digitais sobre a CCB, principalmente partituras musicais. Ali é possível ter acesso a dois arquivos que concentram orientações e ensinamentos de reuniões gerais da denominação.

uma porta resultando que cerca de vinte almas aceitaram a fé e quase todos provaram a Divina virtude. Uma parte eram [sic] presbiterianos e alguns batistas e metodistas e alguns também católicos romanos. Alguns foram curados e outros selados com o Bendito Dom do Espírito Santo (REILY, 2003, p. 368).

Assim, oficialmente, o início da denominação no Brasil tem como marco o ano de 1910, em que ocorreu o batismo dos onze primeiros adeptos do ensino transmitido pelo missionário italiano Francescon, na cidade de Santo Antônio da Platina, no Paraná. No entanto, foi em São Paulo, na região do Brás, que o missionário italiano estabeleceu suas raízes de pregação. Essa região específica da capital paulista concentrava um expressivo número de imigrantes italianos, por isso é possível afirmar que a CCB, em seu início, foi um grupo religioso de imigração italiana, que prestavam cultos em língua natal (DEITOS, 1996; MARIANO, 2021). Por volta dos anos 30, a CCB passa a introduzir a língua portuguesa nos cultos e hinários (FOERSTER, 2009). Mesmo com a mudança, continuam optando por um proselitismo privado, praticado no interior das casas e das igrejas (FREESTON, 1994; MARIANO, 2021).

1.2 O Brasil religioso no início do século 20

Antes de prosseguir com os marcos de fundação e consolidação da CCB, é importante dedicar algumas linhas sobre o contexto religioso brasileiro encontrado por Francescon. Nas partes do diário relatadas acima, Louis Francescon escreveu sobre a oposição encontrada por ele no Paraná, uma situação que quase levou a cabo sua vida. Por isso, sem rodeios, podemos definir que a palavra "disputa" consegue resumir o cenário de fé que marcava o início dos anos 1900. Como a história do encontro do protestantismo com o Brasil e seus elementos peculiares é vasta, para esta pesquisa, vamos nos concentrar em apontar os dissabores religiosos brasileiro do final do século 19 e início do 20, pois este é o período próximo no qual se forma o objeto de interesse desta dissertação.

Segundo Camargo (1973), em 1900, o protestantismo representava 1% da população brasileira e era percebido como religião estranha à tradição cultural do país, apresentada como uma contracultura que propunha remover aspectos do

cotidiano da sociedade brasileira, como as festas dedicadas aos santos e outros festejos regados a bebidas alcoólicas.

Por três séculos o catolicismo viveu um monopólio no que diz respeito à fé e legislação religiosa, além de ocupar a posição de religião oficial do Estado, materializando claramente a união Igreja-Estado. Do início da colonização até o final do século 19, a Igreja Católica era a única representante de uma modalidade conhecida como "cristandade", por estar estreitamente relacionada à sociedade brasileira de forma normativa e institucional (CAMARGO, 1973).

Mas em 1889, com a Proclamação da República e, posteriormente, outros atos da nova república, como o decreto número 119-A, de 7 de janeiro de 1890, que instituiu no Brasil a liberdade de culto, em âmbito pessoal e institucional, ou seja, todas as confissões religiosas passaram a ocupar a mesma posição para o Estado, possuindo os mesmos direitos e liberdades, o cenário religioso passou a operar no mesmo nível de concorrência, pelo menos no papel. Para exemplificar o cenário religioso brasileiro pós-proclamação da república, Mendonça (1984) destaca um texto de prefácio do livro *"The Evangelical Invasion of Brazil, or A Half Century of Evangelical Missions, in The Land of Southern Cross"*, do missionário presbiteriano Samuel Rhea Gammom, espécie de manual para missionários publicado em 1910, onde destacava o Brasil como um território fértil:

A intenção de Gammon era, ao comemorar o cinquentenário das missões presbiterianas no Brasil, colocar nas mãos dos futuros missionários um manual sobre o país que lhes servisse de guia informativo. Queria, também, estimular a vinda de mais missionários para o Brasil dentro do "slogan" que então corria nos círculos missionários: o Brasil está de portas abertas ("open doors") para o Evangelho. É claro que essas portas abertas tinham relação com a então recente implantação do regime republicano, que abolira, na sua Constituição, os privilégios legais da Igreja Católica e abria as portas para outras religiões em pé de igualdade, ao menos no papel (MENDONÇA, 1984, p. 179).

Nesta altura, o Brasil já acolhia missionários e denominações protestantes, como por exemplo Batistas, Metodistas e Presbiterianos, que também usavam o sistema de ensino formal como importante estratégia missionária para divulgação da fé reformada. Entretanto, mesmo com toda a tática ideológica e mudanças no sistema de governo que tiraram do catolicismo uma posição regulatória e jurídica,

no coração do povo brasileiro a Igreja Católica Apostólica Romana ainda ocupava um espaço de soberania, configurando o modo de existência dos indivíduos, principalmente entre as classes dominantes.

Dessa forma, como estratégia de colonização de território religioso por parte dos protestantes, mesmo com entendimentos teológicos diferentes, tal questão encontrava-se em segundo plano, uma vez que todas compartilhavam do mesmo tópico central: refutar o catolicismo instalado nas origens do país, diga-se de passagem, uma péssima estratégia apologética.

Camargo (1973) e Mendonça (1984) apontam que, no período em que missionários protestantes chegaram ao Brasil, intitulado por esses autores como a era do protestantismo de imigração, que data a metade do século 19, os discursos contrários ao catolicismo carregavam um tom de prudência, também não havia intenção de alcançar prosélitos brasileiros. Ao mesmo tempo, o progresso da obra protestante neste período foi tímido, fraco e fragmentado. O historiador francês Émile G. Léonard (1952) nos apresenta a realidade protestante nesta fase:

No Brasil de 1855, fora das colônias estrangeiras, não havia protestantismo algum. Em 1888, a Igreja Presbiteriana, então a mais desenvolvida no país, contava mais de cinquenta comunidades para apenas vinte missionários. (LÉONARD, 1952, p. 85)

Esse isolamento de grupo fez com que os os missionários estrangeiros fossem vistos com estranhamento, estandartes de um sistema de vida diferente das tradições brasileiras. No entanto, quando o Brasil passa a ter lideranças nacionais claramente evidenciadas, por volta de 1895, as dificuldades de aceitação à nova fé passaram a ser contornadas de uma melhor forma. Paralelamente, a temperatura do discurso religioso protestante mudou. Quando o protestantismo passa a arrebanhar brasileiros natos e, como consequência, ganhar relativa força – não em número de adeptos mas em marcar presença em espaços geográficos —, instaura-se um completo estado de rivalidade entre lideranças católicas e protestantes, que passam a proferir discursos carregados de uma linguagem franca, agressiva, com pitadas de ironia, mas ainda mantendo certo cavalheirismo.

Deixando de lado o racha entre a liderança religiosa, é interessante olhar para o perfil de adeptos da religião reformada, que remavam contra a maré hegemônica da Igreja Católica. Tal movimento mais expressivo de conversão de

brasileiros ao protestantismo passou a ocorrer no final do século 19, que segundo Camargo (1973) e Mendonça (1984), podemos nomear como a era protestante da conversão, onde "lentamente se desfaz a imagem do Protestantismo como religião própria apenas de estrangeiros" (p. 114). Para a construção desse perfil, é importante termos em mente algo que Léonard (1952) frisa em seu estudo sobre a fé reformada no Brasil: que o corpo protestante do país, desde o início, era formado por todas as classes e todas as profissões existentes. Sem dúvidas, o protestantismo arrebanhou figuras importantes, como intelectuais e membros da aristocracia, como mulheres da alta sociedade paulistana que foram canais para o crescimento da religião em São Paulo. No entanto, veremos que foi em uma camada específica da sociedade que a fé reformada melhor se acomodava.

Como aponta Mendonça (1984), o protestantismo da metade do século 19, cujo os emissores eram figuras estrangeiras, encontrou nas brechas do catolicismo – a saber, o distanciamento religioso oficial com as camadas dos homens pobres – espaço para penetração. Apontando para o mesmo caminho, Léonard (1952) nos traça um perfil de conversos em uma geografia específica: "no Estado de São Paulo, ele nascera e prosperara nos sítios e em algumas fazendas. E certamente nem todos os seus adeptos eram fazendeiros, nem mesmo sitiante: havia, entre eles, simples agregados, também pobres, como comumente o são (LÉONARD, 1952, p. 332).

Léonard (1952) acrescenta um outro fator que permitiu maior acolhimento ao protestantismo em áreas agrícolas: as famílias católicas já estavam habituadas à prática de culto familiar, isento de mediação oficial de um representante católico, afinal a ausência dos padres os obrigava a uma vida religiosa leiga. Eram momentos que envolviam cantos e fraternidade e que levou, mais tarde, "um grande número de simples caipiras às reuniões protestantes, onde eles se sentirão em completa igualdade com os mais ilustres, e onde terão o prazer de cantar" (LÉONARD, 1952, p. 34). Assim, alguns pontos de argumento da teologia protestante – como a equidade dos homens perante Deus, a salvação pela fé e a liberdade individual de aceitar ou não tal salvação – foram encarados pelos indivíduos que recebiam a mensagem protestante como perspectivas de vantagem comparada à religião oficial. Teologia e música serviam como estratégia para a assimilação da nova fé.

Seguindo a trilha do café, essas famílias pobres, livres e do campo, "se deslocavam e onde paravam espalhavam a nova religião, havendo lugares que se protestantizaram quase que inteiramente" (p. 158). Por outro lado, Camargo (1973) ressalta que o avanço da religião reformada não ficou presa aos campos de café ou áreas rurais, mas expandiu-se para os diversos setores:

Essa penetração abrangeu, no campo e na cidade, toda uma gama de ocupações – fazendeiros, sitiantes, artesãos, comerciantes, funcionários públicos, etc. – compondo, por sua heterogeneidade, o que Willems denomina "classe de transição" (CAMARGO, 1973, p. 131).

Ademais dos aspectos sociais e territoriais que forjaram a presença protestante da metade do século 19 para o início dos anos 1900, outro fator que vale ser ressaltado e que compõe a construção da imagem do crente é o seu modo de vida após aderir a fé reformada. A prática da nova religião colocava restrições a determinadas práticas comuns, inerentes do social da época, instituindo uma norma de vida que incentivava o afastamento de práticas e comportamentos encarados como "mundanos" ou "inadequados" para uma adepto protestante, como por exemplo, ser preguiçoso ou agir com violência.

Muito embora os núcleos protestantes continuassem, como todos os homens pobres, à margem do sistema, as relações com eles, tanto no plano individual como comunitário, eram sempre bem vistas. Se havia recusa, era por parte do protestante, mas isto ocorria sempre no aspecto lúdico de vida social e não no dos negócios. O modo de vida dos protestantes era esquisito por negar todos os valores vigentes. Mas eram simpáticos. Esquisitos mas simpáticos (MENDONÇA, 1984, p. 157).

Longe de fornecer um perfil completo do protestante do início do século 20, mas citando pontos de destaque que formam a imagem deste indivíduo religioso, podemos dizer que tal grupo era formado por indivíduos livres, de origem pobre, camponeses, rurais, carentes da participação do clero em suas vidas cotidianas e, por assim ser, acostumados em viver a fé de forma independente da religião que, por três séculos, relacionou-se com esse grupo não apenas por interesse em seu crescimento religioso, mas porque eram a força de trabalho da terra que administravam.

1.3 O pentecostalismo da Congregação Cristã no Brasil

Para o início do século 20, com o deslocamento de famílias protestantes do seu local de origem, seguindo a rota do café brasileiro, o protestantismo passou a ser presente em outras partes do Brasil, deixando de concentrar-se na região Sul do país, alcançando novos estados e atingindo áreas urbanas. Nesse período, a igreja protestante brasileira encontrava-se em todo o seu vigor, esclarecida sobre seu futuro e razão missiológica, por exemplo, enviando pessoas para outros países com objetivo proselitista.

Mas neste momento também, uma nova perspectiva espiritual chegava ao Brasil. Um fenômeno religioso cujas manifestações são antigas, mas que ganhou certa efervescência nos Estados Unidos na virada do século 20, alcançando também outras partes do mundo: o pentecostalismo. Esse "cristianismo do Espírito", uma manifestação popular do protestantismo, algo como um Protestantismo Nacional (LÉONARD, 1952; MONTEIRO, 1995), encontrou na América Latina o território com a maior aceitação para seu desenvolvimento.

Para lembrar, Louis Francescon atraca no Brasil revestido da teologia reformada, sua base de conversão após sair do catolicismo, mas também completamente envolvido com o movimento do "batismo do Espírito Santo" e comprometido a levar para mais pessoas o mesmo conhecimento que trouxe avivamento à sua fé.

Mas o que de tão interessante e transformador caracteriza o movimento pentecostal, capaz de mudar a experiência de fé de Louis Francescon e muitos outros missionários? Léonard (1952), ao citar as características da manifestação pentecostal, ressalta o êxtase corpóreo que evidencia o recebimento da divindade, o profetismo e a glossolalia – o falar em línguas desconhecidas, além das curas pela fé. Mariano (1999) também acrescenta pontos que esclarecem as diferenças entre o protestantismo e o pentecostalismo:

O pentecostalismo, herdeiro e descendente do metodismo wesleyano e do movimento *holiness*, distingue-se do protestantismo, grosso modo, por pregar, baseado em Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais sobressaem os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos. Para simplificar, os pentecostais, diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que no

cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, concedendo infinitas amostras concretas de Seu supremo poder e inigualável bondade (MARIANO, 1999, p. 10).

Mais do que uma nova linha teológica que dá ênfase na manifestação do Espírito Santo, o movimento pentecostal no Brasil desenvolve-se a partir de uma outra característica social interessante para o campo religioso: o nacionalismo da fé. Camargo (1973) exemplifica a questão:

Os pentecostais, penetrando no país a partir de 1910, nacionalizam-se sem abandonar a ênfase missionária. Considerando a maior ala pentecostal do país, a da Assembléia de Deus, fundada em 1911 na Capital do Pará, por dois missionários de origem sueca, nota-se que esta não só cuidou de se expandir pelo Norte e Nordeste, no período compreendido entre 1915 e 1930, como também enviava, já em 1913, o primeiro missionário brasileiro para Portugal. A Congregação Cristã do Brasil, grupo pentecostal iniciado no Paraná e São Paulo, em 1910, embora ganhasse adeptos entre a população italiana, logo se estendeu especialmente aos meios proletários e à pequena burguesia, perdendo seu caráter de igreja de imigrantes (CAMARGO, 1973, p. 114 e 115).

Para tentar traçar um perfil dos adeptos do movimento pentecostal brasileiro em seus primórdios, Mariano (1999) nos ajuda fornecendo informações sobre o cenário social no qual grande parte dos fiéis – tanto da CCB quanto da Assembleia – encontravam-se:

No início, composta majoritariamente por pessoas pobres e de pouca escolaridade, discriminadas por protestantes históricos e perseguidas pela Igreja Católica, ambas caracterizaram-se por um ferrenho anticatolicismo, por enfatizar o dom de línguas, a crença na volta iminente de Cristo e na salvação paradisíaca e pelo comportamento de radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo exterior (MARIANO, 1999, p. 29).

Na verdade, de 1910 até 1950, a presença do pentecostalismo no cenário brasileiro é considerada discreta, instituída apenas em um território binário dividido entre AD, que concentrava seu proselitismo na região Norte e Nordeste, e CCB que

avançava pela região Sul e Sudeste (MENDONÇA, 1990; FRESTON, 1994; MARIANO, 1999).

Ainda presente em um cenário tímido do pentecostalismo, em 1928 a CCB organiza-se oficialmente como personalidade jurídica. A informação da ata da reunião inaugural da CCB pode ser acessada no portal da Imprensa Oficial:

Aos vinte e três dias do mez de Maio, do anno de nosso Senhor Jesus Christo de 1928, à rua Uruguayana Nº 45, nesta Capital, as 22 horas, presentes as pessoas que se enumeram e se assignam no final desta acta, realizou-se a Assembléa constitutiva da Congregação Christã do Brasil. (Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23/05/1928. Publicada no Diário Oficial de São Paulo em 31/05/1928).

No capítulo 1 do estatuto da Congregação, também publicado no "Diário Oficial", já é possível ver que, após 18 anos da chegada de Louis Francescon ao Brasil com a missão de pregar para italianos, o grupo religioso não se via mais como uma agremiação de uma única nacionalidade, mas uma coletividade de pessoas regidas por crenças em comum:

A Congregação Christã do Brasil é uma comunidade religiosa, existente no Brasil desde Junho do anno de 1910, com sede central na capital de S. Paulo, composta de membros de ambos os sexos, de qualquer nacionalidade ou cor, crentes em nosso Senhor Jesus Christo, organizado de conformidade com a sua revelação na Sagrada Bíblia, tendo por fim adorar a Deus em Espírito e verdade, e como fim especial propagar o Evangelho. (Artigo 1º da Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23/05/1928. Publicada no Diário Oficial de São Paulo em 31/05/1928).

Entre 1910 a 1950, a CCB desenvolveu-se discretamente (MENDONÇA, 1990), com Louis Francescon guiando o grupo no estilo "patriarca colono" até sua morte, em 1964, aos 98 anos. Francescon entendia que seu chamado ministerial era conduzir o conhecimento sobre o "batismo do Espírito Santo" para seus conterrâneos em outras terras. De início, de fato, o grupo alcançado eram sumariamente os italianos radicados no Brasil. Porém, por conta de deslocamentos sociais, a CCB passa a ter outros ordenamentos. Mendonça (1990) aborda aspectos na mudança no perfil de adeptos da denominação, que continua concentrado nos estados de São Paulo e Paraná:

Inicialmente Igreja de imigrantes italianos e crescendo pouco nas primeiras décadas, "explodiu" na década de 1950, quando os nordestinos passaram a ocupar o lugar dos italianos no Brás. Ainda se vêem muitos nomes italianos em sua liderança, mas a grande massa já não é mais de italianos e seus descendentes. A presença maior da Congregação se dá nos Estados de São Paulo e Paraná, mas ela se acha presente em todos os Estados (MENDONÇA, 1990, p. 49).

É interessante destacar que, possivelmente, a ocupação de brasileiros nordestinos na cúpula da CCB é resultado de um movimento migratório que começa a partir da década de 1930 no estado de São Paulo, onde há uma redução na imigração internacional e um aumento no número de migrantes, na sua maioria nordestinos, chegando ao território paulista. Assim, essa movimentação geográfica contribui para que a CCB ganhe impulso para desenvolver um caráter nacional, mesmo ainda dividindo espaço com os imigrantes italianos da mesma fé. Prova disso é que exatamente em 1930, o hinário da denominação, uma espécie de catálogo de canções para a adoração musical em comunidade, além dos 329 hinos em italiano, agrega a versão das mesmas canções na língua pátria (READ, 1965 *apud* MARIANO, 2021).

A partir dos anos 1950, o cenário pentecostal brasileiro fragmenta-se ao ganhar novos representantes institucionais e outras ênfases de proselitismo, como uma mensagem centrada na cura divina e campanhas de evangelismo em massa, realizadas em praças públicas ou difundidas pelo rádio. Este novo destaque e estratégia pentecostal foi crucial para a aceleração do crescimento e diversificação institucional do pentecostalismo brasileiro (MARIANO, 1999).

A partir dos anos 70 há uma demarcação acentuada no movimento pentecostal, com a instalação do neopentecostalismo, uma corrente religiosa tendo como principal representante a Igreja Universal do Reino de Deus (IRUD). Como para esta pesquisa o recorte neopentecostal não nos interessa, o aprofundamento sobre o tema é dispensável. No entanto, é válido pontuar que, com o surgimento de denominações neopentecostais, como a IURD e Internacional da Graça de Deus, há uma mudança no *ethos* pentecostal. Mesmo assim, a CCB continua a operar quase que sem alterações, distanciando drasticamente de outros movimentos pentecostais, como acentua Monteiro (1995):

O modelo de atuação da CCB é praticamente o oposto daquele que usualmente é atribuído como sendo característico do pentecostalismo uma vez que ela não se utiliza de cultos ao ar livre, não faz pregação em praças ou locais públicos, não permite campanhas evangelísticas, não imprime folhetos, não tem propagandas de rádio ou televisão e nem faz apelos à conversão (MONTEIRO, 1995, p. 15).

Mariano (1999) traz outros adjetivos que também acentuam o modo de ser da CCB:

A Congregação Cristã no Brasil, exclusivista, afastada dos modismos e das constantes inovações e transformações do movimento pentecostal, continua com seu modo *sui generis*, sectário e pouco suscetível a influências externas (MARIANO, 1999, p. 204).

Observando a forma como a CCB tem se estabelecido no campo pentecostal ao longo dos anos, principalmente em estratégias proselitistas, ao que parece é que há uma distância acentuada dos demais grupos evangélicos, mesmo com aquele que também divide o espaço classificatório de pentecostalismo clássico, a AD. Assemelhando-se a uma associação recreativa na qual circulam apenas aqueles que possuem título de sócio, passado de geração em geração ou endossado por amigos próximos, a igreja também busca completo afastamento de outras denominações evangélicas e desrecomenda a busca por conhecimento teológico em instituições e literaturas, pois entendem que o Espírito de Deus é a única fonte reveladora de qualquer conhecimento, não incorporando outras ordens senão as que vem ditadas pelo Espírito (LÉONARD, 1952).

Não intencionando aplicar rótulos, mas na busca em compreender a CCB no cenário religioso após diversas mudanças no pentecostalismo, o que se percebe é que o movimento institucional vai na direção do fortalecimento de uma bolha religiosa singular. É possível perceber que há uma intenção no fortalecimento de uma prática religiosa distinta, distante do diálogo com outras denominações, pouco compreendida fora dos muros institucionais e quase que exclusivista. Todavia, mesmo pretendendo manter-se em redoma, firme em seus pontos de distinção dos demais grupos evangélicos, a CCB vem sofrendo pequenas alterações na área de usos e costumes e em sua composição social (MARIANO, 1999).

1.4 Congregação Cristã no Brasil e a passagem do tempo

Após mais de 100 anos, o proselitismo feito no boca a boca faz a denominação ocupar o segundo lugar entre as igrejas pentecostais com mais seguidores, somando uma irmandade que ultrapassa os dois milhões², atrás apenas da AD.

Podemos afirmar que a consistência é uma marca da Congregação, o que pode ser notado desde a sua arquitetura até mesmo sua ritualística padrão exercida há décadas do mesmo modo (LEITE, 2008; FOERSTER, 2009; BRAZ, 2015, MARIANO, 2021). De saída, já adiantamos que para esta sessão não serão apresentadas grandes revelações que apontem uma brusca mudança no perfil institucional da CCB. Pelo contrário, o que se busca destacar neste espaço, é a mínima adequação que a denominação experimentou ao longo do tempo, mesmo com a transformação social do pentecostalismo.

A centralidade do ministério da CCB continua no Brás, bairro da capital paulista que acolheu imigrantes italianos e serviu de terra para a constituição da denominação. É de lá que partem as decisões e parâmetros que são comunidades e adotados nas "Comuns" em todo o mundo, que são as congregações de bairro ou mais próxima da residência do fiel, visando garantir a coesão do grupo em face de uma época extremamente plural.

Conforme apresentado no relatório de número 86, edição 2023, disponível gratuitamente pelo aplicativo CCB, Relatório Digital³, existem 20.976 casas de oração da CCB, número referente até dezembro de 2022. A concentração de crescimento da denominação está majoritariamente em cidades pequenas, onde o principal meio de divulgação da denominação é por via familiar. Nas grandes metrópoles, o crescimento é lento em comparação com outras igrejas pentecostais (DEITOS, 1996, p. 104).

Há também uma particularidade que parece posicionar a CCB na contramão de qualquer projeto que visiona crescimento: nunca houve – e não há – um planejamento orquestrado de expansão ou qualquer outro cronograma administrativo no sentido de visionar novos passos para a igreja (MONTEIRO,

² Segundo Censo 2010 (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107?detalhes=true>)

³ Aplicativo para smartphone contendo digitalmente o conteúdo do Relatório Anual de Casas de Oração pertencentes à Congregação Cristã no Brasil. Visitado em 15/2/2022.

2010), o que parece ser um "deixa levar", mas que é encarado pelo grupo como uma forma de não limitar o poder do Espírito Santo, pois é ele quem dá todo e qualquer direcionamento.

Por outro lado, há um empenho institucional em manter tradições e costumes. À vista disso, trazemos algumas exemplificações. Em seu início, quando ainda um pequeno grupo de imigrantes, a herança cultural católica-italiana fez incorporar às fileiras da CCB algumas práticas que vigoram ainda hoje. Mariano (2021), ao fazer o resgate de pesquisas antropológicas orientadas à compreensão desse movimento religioso, levanta os estudos do antropólogo alemão Emilio Williams sob o título *Followers of the new faith: culture change and the rise of Protestantism in Brazil and Chile*, publicado pela Vanderbilt University Press em 1967, que ajuda a explicar três elementos da tradição da CCB.

O primeiro, tem a ver com a importância dada à música instrumental, que faz referência à herança cultural italiana enxertada na religião. Sobre a relação da CCB com a música, em 1932, quando já era um grupo organizado, em assembleia presidida por Francescon, houve a decisão de implantar um conjunto de instrumentos para acompanhar o canto congregacional, que nessa data já possuía uma coletânea de hinos em português. Como destaca Monteiro (2010), a partir desta decisão, a CCB passou a estruturar sua ala musical, dando início a grupos de estudo de música e, conseqüentemente, a formação de orquestras com a finalidade de atuar nas cerimônias religiosas da igreja. Não foi possível ter acesso ao número atualizado de músicos cadastrados na secretaria da CCB, porém, Monteiro (2010) registra que no início do século 21 já somavam 250 mil instrumentistas, majoritariamente homens, pois são os que podem compor a orquestra. Reconhecemos que, mais de 20 anos depois, o número de músicos na denominação provavelmente seja bem maior.

Outro aspecto identitário da tradição desta denominação é o uso que as mulheres fazem de um véu branco durante as celebrações religiosas; e a separação entre os gêneros durante a permanência no templo. Ambas marcas distintivas desta denominação, são uma herança do catolicismo rural italiano (WILLEMS, 1967, p. 151 e 152 *apud* MARIANO, 2021, p. 311). Explicando, as mulheres são separadas de qualquer acompanhante masculino ainda na porta da igreja, pois nos templos existe a entrada exclusiva das mulheres e dos homens. Dentro do espaço de culto, além de possuírem uma ala separada dos homens, as mulheres utilizam um véu

branco rendado nas pontas, que deve cobrir toda a cabeça (LEITE, 2008). No caso, o item é obrigatório para todas as mulheres batizadas.

Na tradição da CCB também é possível ver uma ênfase na aptidão ao ministério pelo critério da antiguidade, dando maior voz e legitimidade àqueles com maior idade e tempo de atuação na denominação. O reforço deste posicionamento em favor da senioridade pode ser visto, por exemplo, ao perceber que o coletivo que corresponde a mais alta autoridade eclesiástica da denominação é denominado "Anciães Mais Antigos do Brasil", destacando a experiência desses comandantes que deliberam sobre os andamentos da denominação em nível mundial.

A autonomia da comunidade local na Congregação é pequena, para não dizer inexistente. Na realidade, não há comunidade local, pois os "crentes" não são arrolados em nenhum lugar, mas pertencem à grande "irmandade" nacional e internacional. Apesar de suas características sectárias, a Congregação se aproxima bastante do sistema multitudinário das grandes Igrejas. Possui administração material centralizada e uma notável uniformidade doutrinária mantida pelas assembleias de "obreiros" que se reúnem anualmente na sua imensa sede no bairro do Brás, cidade de São Paulo (MENDONÇA, 1990, p. 49).

Por mais que a CCB afirme que não existe uma hierarquia (CCB, Estatuto, s.d.), ou, pesquisadores reconheçam um hierarquia mínima (MONTEIRO, 2010), justificando que as sedes regionais possuem autonomia para tomada de decisões espirituais e materiais a partir de conselhos e reuniões formadas por agentes de liderança, no capítulo três do estatuto da denominação, disponível no site oficial do grupo, é evidente que tal liberdade está sujeita à concordância do grupo que forma a cúpula espiritual da denominação, concentrada no Brás.

O Conselho dos Anciães mais Antigos do Brasil, que se reúne em São Paulo, em proteção à unidade espiritual, poderá revisar ou substituir, soberanamente, qualquer decisão tomada pelo Conselho de Anciães em Reunião Regional ou Estadual, indicando-se nesse ato a Administração que deverá executar eventual medida para cumprimento da deliberação (CCB, capítulo 3, artigo 2º, s.d.)

O texto afirma que, para a proteção da unidade espiritual da denominação, o corpo ministerial do Brás pode revogar qualquer posicionamento tomado em nível regional. Se falarmos em termos doutrinários, 12 pontos compõem a questão. Porém, ao nomear "unidade espiritual", parece haver uma abrangência a fim de

agregar tradições e costumes tão soberanos quanto a conduta doutrinária, a ponto de significar a retirada da liberdade de atuação voluntária dentro da CCB, como é possível observar na circular nº 119/120, sob o título "uso de barba crescida e cavanhaque", que retoma o mesmo tópico abordado em 2014 e 2017:

Caros irmãos, A paz de Deus. Conforme considerações do Conselho de Anciões reunido em São Paulo reiteramos, conforme conduta disciplinar, a inconveniência do uso de barba crescida e cavanhaque pelos nossos irmãos. O Ministério reprova tal costume. Quanto aos irmãos Músicos e os que ocupam cargos ou Ministérios, apresentando-se assim, serão advertidos a enquadrarem-se neste ensinamento e, se persistirem, deverão deixar o seu cargo ou Ministério, pois essa é a disciplina da Congregação Cristã no Brasil, conforme os tópicos já anteriormente aprovados em Reuniões Gerais Anuais de Ensinamentos, os quais têm força estatutária. (Art. 44 do Estatuto da Congregação Cristã no Brasil). Vossos irmãos em Cristo, Conselho dos Anciões Mais Antigos do Brasil, Anciões Responsáveis pela Parte Musical (CCB, circular nº 119/120. 7/7/2022).

Dentro do mesmo sentido da estética dos adeptos da CCB, as mulheres também são orientadas a não cortarem os cabelos e o uso de calça comprida é proibido. Para aquelas que burlam a orientação e ainda possuem alguma atuação ministerial, por exemplo, como organista, restrições de não mais poder assumir a função são aplicadas.

Pelo bem da "unidade espiritual", a CCB tem mantido o quanto é possível a manutenção de ordens relativas aos seus costumes, reeditando tópicos de ensinamentos quando vê necessidade de reforçar pontos já consolidados. O empenho pela conservação de tais tradições parece ter um caráter de marca distintiva que o grupo religioso não deseja perder. Mariano (1999) destaca que para o crente pentecostal mostrar-se santificado, ele precisa exteriorizar sinais, por meio de comportamentos ensinados e exigidos pela comunidade religiosa, que os diferenciam da sociedade inclusiva (p. 190). Contudo, como no tópico que aborda o uso de barbas, o texto fica em dívida quanto a justificativa bíblica que exige tal postura, alegando somente que é uma reprovação do corpo eclesiástico superior, sem mais detalhes.

Todavia, para alguns outros aspectos que faziam parte do movimento nas primeiras décadas da denominação, parece que não houve tanta preocupação na manutenção de algumas tradições. A saber, o encolhimento significativo na participação das mulheres nesta denominação. Na CCB há a crença de que o

"Espírito de Deus" é quem conduz cada decisão tomada, porém, nesse grupo religioso, ao que parece é que o "Espírito" não "sopra" tão livremente, assim como é ensinado no Novo Testamento, pelo apóstolo João. Como aponta Valente (2015), na CCB existe uma limitação de gênero quanto ao envolvimento de mulheres em funções ministeriais. Curiosamente, uma restrição que evoluiu com o tempo, pois nos primeiros anos do movimento as mulheres eram autorizadas a ocupar outras funções no ministério, como o diaconato e a regência da orquestra. Nos dias de hoje, a participação feminina em funções de relativa liderança dentro do grupo religioso está restrita à Obra da Piedade, um departamento da CCB responsável por auxiliar pessoas em situação de vulnerabilidade. As mulheres elegíveis a ocupar esta função devem, entre algumas das exigências, serem casadas no civil com outro membro da denominação. Quando a candidata passa por um exame de oficialização, o que acontece por meio de algumas reuniões ministeriais na geografia na qual a mulher congrega e que pressupõe uma resposta divina quanto a escolha, ela é empossada ao ministério da Obra da Piedade e responderá hierarquicamente aos diáconos.

Atualmente, o papel da mulher na Congregação Cristã no Brasil é muito limitado. Quando são feitas perguntas sobre por que as mulheres não tocam mais na orquestra ou pregam no culto, a resposta típica é: "Isso faz parte de nossas tradições, do jeito que as coisas são e sempre foram na igreja. Devemos respeitar essas tradições". No entanto, as tradições que são consideradas antigas geralmente são de origem bastante recente e às vezes inventadas. Assim, as "tradições" introduzidas durante os últimos cinquenta anos são usadas para justificar práticas e costumes estabelecidos que limitam o papel das mulheres na igreja⁴ (VALENTE, 2015, p. 48).

Abordando o mesmo ponto sobre a reduzida atuação das mulheres na Congregação, Mariano (2021) traz mais esclarecimentos sobre quem pode ter voz para ministrar ensinamentos e, conseqüentemente, ocupar o púlpito da denominação:

As mulheres não estão habilitadas à pregação da Palavra, portanto estão distantes da produção pública do conhecimento que só pode

⁴Presently, women's role at the Congregação Cristã no Brasil is very limited. When inquiries are made as to why women no longer play in the orchestra or preach in the service, the typical response is, "This is part of our traditions, the way things are and have always been in the church. We must abide by these traditions." However, traditions that are claimed to be old are often quite recent in origin and sometimes invented. Thus "traditions" introduced during the past fifty years are used to justify established practices and customs that limit women's role in the church.

ser viabilizado pelos homens que estão na posição superior na hierarquia. Ou seja, são os anciões e cooperadores, com raras exceções os diáconos que têm direito a voz dentro da liturgia dos cultos. Nota-se que não é qualquer homem, pois trata-se de um Eric Hobsbawm and Terence Ranger, *The Invention of Tradition* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2012).
pequeno grupo de pessoas legitimadas para isto, mas nunca é uma mulher (MARIANO, 2021, p. 123).

Os pontos apresentados nesta seção destacam tradições e costumes inculcados no DNA da CCB que são carregados há décadas, fundamentados em posicionamentos vindos da hierarquia superior da denominação, na forma de documentos ou circulares, após encontros anuais realizados por esta cúpula.

Os Estatutos, as Convenções anuais e as Reuniões de Ensinamentos, consolidam a forma de comportamento religioso. Eles também atuam como resultado de regras escritas e registradas em atas, que na maioria das vezes fogem ao conhecimento externo, mas que são muito bem divulgadas internamente (MARIANO, 2021, p. 246).

Essas prescrições chegam às localidades com aparente falta de contestação, pois foram chanceladas por homens com relativo prestígio na comunidade e, ao entendimento comum, levantados por Deus para aquela função, e então incorporadas na tradição do grupo religioso, promovendo, muitas vezes, o afastamento histórico da denominação religiosa e outras instituições sociais.

CAPÍTULO 2 - CCB E A MÍDIA: ENTRE TENSÕES E CONEXÕES

Basta uma simples zapeada entre os canais de TV aberta no Brasil para perceber que a presença de discursos e figuras religiosas na tela não são raridade no menu de programação. Quando não é uma parte do espaço televisivo em arrendamento é o próprio canal que está sob tutela de alguma organização religiosa. Em 2021, o portal de notícias Brasil de Fato⁵, em matéria sobre a democratização da TV digital com informações via Lei de Acesso à Informação, revelou números mais recentes sobre as outorgas do serviço de radiodifusão: quase 74% das consignações desde 1º de janeiro de 2019 beneficiaram canais religiosos.

Não é difícil concluir que as denominações religiosas ao longo do tempo colonizaram a transmissão televisiva no Brasil, um fenômeno que teve início na década de 1970. Cunha (2020) ao organizar os fenômenos que colocaram os evangélicos em evidência a partir dos anos 2000, confirma que "a intensa ocupação de espaços nas mídias tradicionais (rádio e TV) por grupos evangélicos, majoritariamente os pentecostais, ampliada pela extensa participação das várias denominações e sua liderança nas mídias digitais" (p. 41) é um dos fatores que transformou o cenário religioso brasileiro.

Em um contexto onde as denominações religiosas moldam suas expressões de fé, ritualísticas e experiências à lógica do midiático, é no mínimo interessante examinar grupos religiosos que rejeitam veementemente tais processos, como é o caso da CCB, uma denominação pentecostal considerada de baixa midiaticização.

Para tal afirmação, nos baseamos nos parâmetros desenvolvidos por Martino (2017), que servem como um termômetro para entender o quão integrada uma denominação está com relação ao ambiente midiático. Essa escala não diz apenas sobre denominações que usam mais ou menos os meios de comunicação como forma de se inserirem no contexto midiático, mas em qual medida adaptaram suas liturgias, materialidades e discursos para se alinharem em referência do ambiente midiático.

A ideia principal é que, quanto mais 'mediada' (mediated) uma denominação for, mais aberta está para adotar, em suas práticas, ideias e estilos da mídia e do entretenimento. Para indicar o quanto

⁵<https://www.brasildefato.com.br/2021/08/25/tv-digital-nao-democratizou-73-das-autorizacoes-no-governo-bolsonaro-vaio-para-canais-cristaos>

uma denominação religiosa é mediada, o critério foi o uso da televisão como principal elemento de comunicação. [...] Uma denominação teria uma alta mediação, quando a mídia fosse um elemento central de sua existência. [...] Denominações de baixa mediação são aquelas que procuram, por suas razões, menor intersecção – ou mesmo certo afastamento – do ambiente midiático. (MARTINO, 2017, p. 44 e 45).

Se o critério para compreensão do nível de midiatização de uma denominação é o uso da televisão como elemento principal da comunicação denominacional, podemos afirmar que a CCB é uma denominação de baixa mediação. Afinal, como apontam as pesquisas de campo com adeptos do grupo (DEITOS, 1996; LEITE, 2008; FOERSTER, 2009; MARIANO, 2021), a própria posse do aparelho, do objeto em casa, não é algo visto com bons olhos e já foi um dogma da denominação.

Para compor essa pesquisa, fomos atrás dos documentos internos que apontam à questão contrária ao uso da televisão, uma vez que essa informação dogmática não consta no site da denominação, mas que os adeptos trouxeram em entrevista nos trabalhos etnográficos (DEITOS, 1996; LEITE, 2008; FOERSTER, 2009; MARIANO, 2021). Extraoficialmente, em sites de iniciativa independente, que concentram partituras e outros documentos históricos da CCB, tivemos acesso a textos de documentos de reuniões.

Tais textos, como as orientações de 1962, trazem um tópico de alerta para aqueles membros que ouvem e assistem pregações por rádio e televisão, abordando que os conteúdos em questão são "alimentos falsos". As prescrições contra o uso da televisão continuam por vários anos, adentrando os anos 1980. Infelizmente, como já era previsto, o acesso aos originais para inclusão nesta pesquisa não foi algo possível.

Camargo (1973) observa que, por via de regra, uma das técnicas usadas para o proselitismo do movimento protestante são os recursos de comunicação de massa. Na mesma direção, Léonard (1952) pontua que o protestantismo e suas formas de divulgação da crença a partir do século 20, onde a estratégia de evangelização no Brasil passou a utilizar ferramentas modernas. Alto falante nas capelas e praças públicas, emissões radiofônicas e distribuição de propagandas com conteúdo evangelizador são alguns dos recursos observados pelo autor que os

protestantes usavam no seu proselitismo. Por outro lado, comparando as formas de ação da CCB, o movimento é contrário:

Teórica e oficialmente não há propaganda, porque sempre o Espírito se manifesta onde quer: realmente, os fiéis, individualmente, dão prova de um vivo proselitismo, e o exemplo de sua vida tanto quanto, creiamos, o das curas que proclamam, atraem muitos curiosos simpatizantes, alguns dos quais rapidamente se tornam convertidos (LÉONARD, 1952, p. 349).

Em 1995, por exemplo, um fiel da CCB residente na região oeste do Paraná, em entrevista ao pesquisador Nilceu Jacob Deitos, afirmou que a presença da televisão na residência é motivo para que o membro seja impedido de exercer algum ministério na denominação. O discurso do adepto é correspondente à orientação dada na reunião anual para ensinamentos, em 1970, onde o tópico 42 traz uma orientação para aqueles que ocupam ministério: "Si [sic] ensinamos a irmandade que a televisão é um ladrão dentro de casa os que têm ministério não devem possuir esse aparelho"⁶. Anos mais tarde, Norbert Hans Christoph Foerster, em sua tese etnográfica sobre a tradição e transmissão religiosa da CCB, na fronteira entre São Bernardo do Campo e Diadema, apresenta que a CCB estava diante do fim de algumas tradições, como o uso da televisão e do rádio, conforme sua pesquisa de campo evidenciou:

A tradição da própria instituição está mudando. Em nenhum culto a que assisti se falou de restrição a TV e aos meios de comunicação. Vários entrevistados, todos acima de 50 anos, afirmaram que não tem TV em sua casa, mantendo esta antiga tradição, mas ela não é mais propagada no culto (FOERSTER, 2009, p. 272).

Em tese mais recente do campo das ciências sociais sobre a CCB, defendida em 2021 por Mariano (2021), confirma o que Foerster conferiu em campo: atualmente, existe uma aceitação velada no uso da TV, porém, é importante reconhecer que:

É sabido que alguns adeptos da CCB já mantêm em suas casas aparelhos de televisão. Porém, quem tem, não fala abertamente sobre o assunto. [...] Além disso, não se fala da liberação de uso pelos congregados. E, quando se toca no tema é reforçando o

⁶O site que concentra os tópicos de ensinamentos desde a década de 1960 é uma iniciativa individual que também agrega partituras e outros documentos da denominação:
<http://www.ccbhinos.com.br/topicos-de-ensinamentos-congregacao-ccb/Topicos-1970-a-1979---Principais-2>

quanto os aparelhos podem ser nocivos para os adeptos. (MARIANO, 2021, p. 260).

Por mais que o alerta para os adeptos da CCB sobre os perigos do uso da televisão não tenha mais espaço nos púlpitos da igreja, é fato que a Congregação permanece avessa quanto ao uso deste instrumento como ferramenta evangelística, inclusive os meios gráficos, pois a igreja não recomenda a leitura de nenhuma literatura religiosa a não ser a Bíblia e seu hinário (LEITE, 2008, p. 38). Dessa forma, confirmamos, mais uma vez, a posição da instituição como denominação de baixa midiatização.

A saber, a midiatização, como processo geral, é um fenômeno da modernidade tardia, ainda em constante processo, onde a mídia é encarada como uma instituição independente, passando a integrar e moldar outros organismos sociais e culturais (BRAGA, 2006; HJAVARD, 2014), assim, construindo uma articulação permanente com o cotidiano, onde um parece não existir sem o outro (MARTINO, 2017).

Falar da sociedade contemporânea em midiatização, que tem como base a tecnologia, vai muito além do contexto relacionado aos dispositivos de comunicação, transmissão de mensagens ou produção de significados. Como aponta Braga (2006), o processo da midiatização também tem a ver com o modo segundo os quais a sociedade é encadeada e organizada. "São padrões para ver as coisas, para articular pessoas e, mais ainda, relacionar sub-universos na sociedade e – por isso mesmo – modos de fazer as coisas através das interações que propiciam (p. 17); com isso, há uma nova reorganização social a partir do tom que a midiatização moderna fornece, oferecendo novos contornos para processos já existentes.

Trata-se de um conceito que permite destacar, como componente fundamental da vida contemporânea, a presença ubíqua das mídias, não apenas como transmissores de mensagens, mas como dispositivos de produção de sentidos disseminados pela sociedade, em suas diversas mediações sociais, configurando-se como uma das referências às práticas cotidianas (MARTINO, 2015, p. 222).

Assim, é possível entender que o processo de midiatização da sociedade está muito distante de um entendimento mecânico e instrumental, pois não é o uso

de um dispositivo ou plataforma midiática que define o processo de midiatização: mas a articulação da vida vivida aos diversos métodos midiáticos institucionais, estéticos, discursivos e tecnológicos adotados pelos meios de comunicação, incluindo a forma como distribuem os recursos materiais e simbólicos, formatando e delineando novos contornos na interação social dos indivíduos (HJAVARD, 2014; MARTINO, 2017b).

A mídia, por sua presença no cotidiano, forma um ambiente no qual estamos inseridos. Isso significa que as atividades humanas, mesmo as mais simples, não podem deixar de levar em conta essa presença da mídia no tecido das relações sociais (MARTINO, 2017, p. 288).

A midiatização representa uma alteração tecnológica e, sobretudo, uma transformação de caráter social. Assim sendo, não se trata meramente de uma escolha entre utilizar ou não um dispositivo ou estratégia midiática, uma vez que a questão não reside exclusivamente no aspecto técnico, mas sim nas interações sociais. Isso se deve ao fato de que os processos comunicacionais não surgem simplesmente da inovação tecnológica, mas requerem a presença de um componente social direto no processo (BRAGA, 2012).

Por diversas razões, já não se pode considerar “a mídia” como um corpo estranho na sociedade. Com a midiatização crescente dos processos sociais em geral, o que ocorre agora é a constatação de uma aceleração e diversificação de modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade (BRAGA, 2012, p. 35).

Dito isso, trazemos o mesmo pensamento para o espaço religioso, que como qualquer outro organismo da sociedade, que agrega o cotidiano diverso dos indivíduos, também passa por uma reorganização para integração aos métodos midiáticos. Assim, podemos dizer que um novo ambiente da religião é construído na modernidade tardia a partir da midiatização, dando novas formas à religião contemporânea, uma delas é a autonomia aos indivíduos que agora assumem suas próprias direções espirituais (HOOVER, 2006). Ou seja, pelo processo de midiatização, os meios de comunicação apresentam a possibilidade de uma emancipação das experiências de fé e práticas religiosas, que agora sobressaem como principais reguladoras da forma como a religião é manifestada. "O resultado dessa transformação não é o surgimento de um novo tipo de religião propriamente

dita, mas de uma nova situação social e cultural em que o poder de definir e praticar a religião foi alterado" (HJAVARD, 2014, p. 136 e 137), colocando a mídia no centro da configuração social do cotidiano humano, papel que um dia já foi desempenhado por outras instituições.

Para a maioria das pessoas, o uso dos meios de comunicação está incorporado à rotina diária, e a utilização de veículos e gêneros específicos serve, entre outras coisas, para marcar transições menores e maiores no decorrer do dia, da semana, do ano, e assim por diante. O som matinal do rádio e a leitura do jornal à mesa do café da manhã podem indicar o início do dia, da mesma forma que a última olhada no Facebook ou no e-mail à noite, antes de dormir, pode ritualizar o fim do dia. No passado, as instituições religiosas forneciam essa orientação temporal fazendo soar os sinos das igrejas, conduzindo orações matinais e vespertinas, etc. Hoje, são os meios de comunicação que sinalizam esses pontos nodais no fluxo temporal da vida cotidiana (HJAVARD, 2014, p. 154).

Sinceramente, rotular a CCB como uma denominação pentecostal de baixa midiaticização não parece preocupar o grupo. Pelo contrário, é possível perceber que há certa ênfase neste posicionamento. No site oficial da CCB, é possível encontrar na área institucional a história da igreja no Brasil suprimida em pouco mais de vinte linhas. Mesmo com a exposição da história da irmandade, é interessante perceber como o grupo frisa que o crescimento denominacional não dependeu de ferramentas comunicacionais para avançar:

A esse grupo, desprovido de qualquer denominação e sem qualquer propaganda ou forma especial de comunicação, foram se agregando muitas outras pessoas, sentindo-se movidas por Deus. Dessa mesma maneira, se formaram em diversos países grupos imbuídos dos mesmos sentimentos e compreensão da Palavra de Deus (CCB, s.d.).

Já na parte final do texto que apresenta a denominação para o público externo, há mais uma reforço sobre a não utilização dos meios de comunicação:

A CONGREGAÇÃO CRISTÃ não faz qualquer tipo de propaganda de sua doutrina, nem se utiliza de qualquer meio de divulgação pública de seus princípios de fé. Quem tiver interesse espiritual de conhecer sua doutrina deverá freqüentar [sic] seus cultos em qualquer de suas igrejas (CCB, s.d.).

Se a máxima popular diz que meia palavra basta para entendermos o discurso, o que a comunicação institucional da CCB quer dizer é: se você tem interesse em conhecer mais sobre o que acreditamos, então venha até nós.

A CC rejeita métodos modernos de divulgação. Não utiliza rádio ou televisão, pregações em lugares públicos, ou literatura. O proselitismo é feito exclusivamente dentro dos templos e nos contatos pessoais. Ajuda na manutenção desse padrão o calvinismo da CC que resulta da passagem de Francescon pelo presbiterianismo: Deus predestina pessoas para a salvação. [...] A convicção de que Deus vai trazer para o seu convívio as pessoas que ele deseja salvar tem um efeito importante sobre a relação da CC com a modernidade. A predestinação a liberta da pressão de adaptar-se constantemente aos métodos de divulgação que as mudanças sociais e avanços tecnológicos indicam (FRESTON, 1994, p. 101).

Freston (1994) parece colocar nas costas da teologia calvinista o motivo pelo qual a CCB renega um proselitismo ativo, de porta em porta, nas praças públicas e inserido no contexto das mídias, em busca das massas que se identifiquem com a forma de ser da prática da denominação, fazendo da doutrina um contentamento para a não inserção de outras formas de divulgação da mensagem.

A doutrina da CC age como amortecedor, permitindo que ela se contente com os velhos métodos independentemente dos resultados. Isso dá à igreja uma estabilidade em muitas áreas. Não existe a tentação de experimentar com novos tipos de culto em nome da atratividade. A predestinação responde por todos os sucessos e fracassos da igreja; não precisa haver o tipo de auto-exame estratégico que galvaniza a mudança numa instituição religiosa (FRESTON, 1994, p. 104).

No entanto, é insuficiente a explicação que uma denominação centenária ainda use os mesmos métodos evangelísticos, negando qualquer outra novidade técnica-estratégica, apenas porque seu fundador em um período de sua vida, aceitou a teologia da predestinação, ou seja, dos "escolhidos à salvação", levando o entendimento para a formação da denominação brasileira. Porém, não cabe nesta pesquisa o aprofundamento da questão, mas sinalizamos aqui que é de grande valia o estudo da raiz de tal postura, se ainda perpassa por questões teológicas fundantes ou por outras razões de contexto social.

Para esta pesquisa, o que salta à percepção é que, para a denominação, os meios técnicos de reprodução podem ser uma ameaça ou distração para o contato genuíno com o Espírito. Tais meios não são apenas rejeitados para o proselitismo mas também desaconselhados para uso cotidiano ou nos espaços vistos como sagrados. Como exemplo, trazemos o texto sobre fotografia, que apresenta a orientação dada na convenção da igreja, em 1936, e no encontro de reuniões e ensinamentos, de março de 1948:

Não se condena fotografia, entretanto somos a imagem de Deus; é necessário, pois, que a nossa presença seja encoberta por Ele. Nos serviços espirituais não se pode admitir que irmãos nossos fotografem; todavia, quanto a estranhos à nossa fé não se pode impedir que o façam (CCB, 1936; CCB, 1948).

No mesmo documento, outro posicionamento é reforçado. Desta vez com o título "Jornais e Propagandas", abordando o não envolvimento da igreja com publicações, relacionando negativamente o envolvimento com tal recurso técnico como uma substituição da manifestação do Espírito como voz de Deus:

Não possuímos jornais de propaganda religiosa e nem literaturas religiosas, assim como não nos correspondemos com os que os editam. Não devemos, portanto, colaborar de espécie alguma. Outras luzes não precisamos, nem queremos. O tempo muda sempre, porém a Palavra de Deus é imutável; mudam os homens porém o Senhor é o mesmo, Eterno e Fiel (CCB, 1936; CCB, 1948).

Outro achado direcionado à irmandade, dessa vez de 2015, que traz um ponto de preocupação que relaciona a adesão de hábitos tecnológicos com o divórcio na comunidade. O tópico denomina-se "Convivência entre marido e mulher". Ali os anciães destacam que estão percebendo fragilidades nos laços matrimoniais, levando muitos casais à separação por conflitos de personalidade. Na sequência de conselhos para os casais, a carta destaca um hábito posto como nocivo e, logo em seguida, registra um conselho:

Muitos casais estão se desentendendo e até mesmo se separando por participarem das salas de bate-papo da Internet. Guardem-se do procedimento dos que ignoram o temor que se deve a Deus, porque o que eles fazem em oculto até dizê-lo é torpe (Ef. 5:12), é vergonhoso pois, naquilo que naturalmente conhecem, como

animais irracionais se corrompem (Judas, 10) (Carta à Irmandade, 2015).

Um salto para setembro de 2021, vemos um tópico semelhante aos anteriores na reunião geral das igrejas da Congregação Cristã no Brasil, com o título "Comportamento e Comunhão nos santos cultos", um alerta é novamente dado, porém, com menos repúdio ao meio técnico:

Toda a reverência é necessária quando adentrarmos nos átrios da casa do Senhor, devendo cada um se dirigir objetivamente a um lugar de assento, fazer a sua oração inicial, se mantendo em comunhão e em silêncio. Recomendamos que a irmandade leia a Bíblia ao chegar na casa de oração, abstendo-se de outras leituras, inclusive do uso de celulares (CCB, Reunião Geral de Ensinamentos, 2021).

Também é interessante ressaltar outra orientação dada na mesma reunião: o vício em comunicações, título do ensinamento, que diz:

Aos poucos vamos nos tornando excessivamente dependentes da tecnologia da comunicação e, embora seja útil e necessária, devemos nos precaver quanto ao seu uso (CCB, Reunião Geral de Ensinamentos, 2021).

É válido dizer que o alerta é de extrema importância, uma vez que a dependência tecnológica e o não controle de uso das redes sociais⁷ mexem com estruturas cerebrais importantes. No entanto, o ensinamento dado em conferência não é específico em esclarecer sobre o que está sendo definido por "comunicações". Tratando-se de uma denominação apartada dos meios de comunicação, o alerta parece soar amplo demais e pouco assertivo no que, de fato, a igreja está preocupada em orientar. Mais uma vez, a relação que a CCB possui historicamente com os meios midiáticos ainda é de grande estranhamento.

Reconhecemos que, no passado, a orientação para a exclusão da televisão no cotidiano dos membros até que obteve relativo êxito, tanto é que a questão proibitiva dogmática ainda circula entre membros (MARIANO, 2021). No entanto, no contexto atual em que a mídia está presente de forma generalizada e onipresente no cotidiano por meio de dispositivos (MARTINO, 2015), desempenhando um papel

⁷<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/carencia-por-like-esta-quimicamente-relacionada-ao-vicio-alerta-especialista/>

fundamental na organização das interações sociais (BRAGA, 2012), torna-se evidente que o contínuo desprezo da CCB pela cultura digital pode não ser a estratégia mais adequada para uma organização que deseja se manter viva e relevante no cenário atual.

Valente (2015) em publicação sobre o declínio na membresia da CCB, levantou a questão sobre a adaptação que as demais igrejas pentecostais para abarcar a heterogeneidade cultural do mundo, sem perder sua identidade, mas produzindo rica variedade de manifestações.

No caso da CCB, observa-se o contrário – sua ideologia repudia vigorosamente a modernização. Isso é exemplificado pela moralidade rígida e conservadora da igreja, código de vestimenta, isolacionismo de outras igrejas, oposição ao uso da mídia de massa e comunicações modernas e ensinamentos rígidos desencorajando os membros de possuir e assistir TV, ir ao cinema, ir a piscinas, beber, dançar, jogar e se vestir como “o mundo”⁸ (VALENTE, 2015, p. 80).

No estudo de caso dirigido por Valente (2015), a pesquisadora também levantou questões relevantes para além do olhar sobre costumes rígidos e tradicionais, mas que tem consequências para a imagem institucional da denominação e sua manutenção em um mundo conectado e convergente:

A resistência da igreja à utilização dos meios de comunicação e da Internet para o proselitismo não está isenta de consequências. Com a utilização generalizada da Internet, o vazio online da igreja está a ser preenchido com conteúdos prejudiciais provenientes de grupos internos e externos que se opõem às práticas e doutrinas da igreja⁹ (VALENTE, 2015, p. 92).

O que não há como negar é que, desde o início da CCB, marcado pelo proselitismo interpessoal, baseado em redes sociais pessoais, como familiares, amigos íntimos, amigos de trabalho, vizinhos, cujas relações são estreitas (MARIANO, 2019), até os dias de hoje, praticamente nada mudou. No entanto, a

⁸*In the case of CCB, the opposite is observed – its ideology vigorously repudiates modernization. This is exemplified by the church’s rigid and conservative morality, dress code, isolationism from other churches, opposition to the use of mass media and modern communications, and strict teachings discouraging members from owning and watching TV, going to movie theaters, going to swimming pools, drinking, dancing, gambling, and dressing like “the world.”*

⁹*The church’s resistance to use media and the Internet for proselytizing is not without consequences. With the widespread use of the Internet, the church’s online void is being filled with damaging content originated from internal and external groups opposing to the church’s practices and doctrine.*

sociedade na qual a CCB está inserida mudou drasticamente. Lá em 2008, Sérgio Araújo Leite, ao estudar o cotidiano das mulheres da Congregação Cristã, já aponta em seu resumo questões de análise sobre o "discurso oficial por parte da igreja, aparentemente acatado por todos, mas, que em muitos aspectos é driblado pelas mulheres no contexto da modernidade" (LEITE, 2008). Na época, o pesquisador se referia à criação de sites pessoais, em um contexto onde a própria igreja não possuía um domínio digital próprio, mas via escapar das mãos o controle da participação de seus membros no que, até o momento, era o início da cultura da convergência:

Mesmo a uma instituição religiosa, claramente resistente à utilização de tais meios, não foi possível simplesmente proibir o seu emprego, como se deu durante décadas com o rádio e a televisão. Hoje é comprovado o fracasso de tal proibição, atualmente restrita a uma simples recomendação: "são coisas do mundo, podemos usá-los, porém, como servos fiéis de Deus, não devemos por o coração", pois tais recursos não deixaram de entrar nos lares e fazer parte do cotidiano. Esses novos elementos vão agir de modo direto no comportamento dos membros da Congregação Cristã no Brasil e, é lógico, mesmo se considerando "desligada" do mundo, a igreja terá que conviver com essas interferências. Um exemplo disso pode ser observado na criação de sites de irmãs e irmãos da Congregação na Internet, apesar de a Igreja não dispor de tal serviço, nem mesmo reconhecê-los como válidos (LEITE, 2008, p. 38).

Monteiro (2010) também acentua a forma como a mídia digital é enxergada oficialmente pela CCB:

A mídia eletrônica também não é permitida. Em época de Igreja virtual, na qual o fiel pode participar de cultos, orações ou atividades de cunho religioso por meio de televisão, rádio e internet, a CCB mantém o mesmo procedimento de sempre, valorizando a presença física nos templos e mantendo-se contrária à expansão da fé por meio da mídia (MONTEIRO, 2010, p. 142).

O início do movimento com o patriarca Louis Francescon pregava um extremo "afastamento do mundo", um purismo que até hoje faz com que seus líderes sejam praticamente anônimos, por entenderem que devem se manter humildes como forma de reconhecimento à soberania divina (MARIANO, 2021). Entretanto, com a expansão de possibilidades de participação e interação nas mídias sociais, os adeptos da CCB não são mais figuras anônimas e restritas ao

próprio grupo religioso. Pelo contrário, são ativos criadores de conteúdo nas plataformas digitais, como veremos ao longo desta pesquisa.

2.1 Igreja desconectada e o desafio pandêmico

Para estabelecer um marco temporal onde a Congregação Cristã oficialmente pisou de forma mais estruturada no contexto digital, podemos dizer que a pandemia de covid-19 estabeleceu um antes e depois na denominação. Afinal, como qualquer organismo institucional que foi atravessado pela pandemia de 2020, ações de sobrevivência organizacional foram urgentemente tomadas.

Como abordado anteriormente, a CCB é conhecida por manter-se distante dos meios de comunicação por não ver necessidade de usar ferramentas de divulgação de seus pontos doutrinários. Contudo, a denominação, em 2020, se deparou com a necessidade de manter seus ordenamentos de forma digital.

Relembrando, como medida para conter o avanço do novo coronavírus no Brasil, a partir da segunda semana de março de 2020, estados brasileiros começam a articular decretos para o fechamento de serviços não essenciais que favorecem e promovem atividades coletivas, com o objetivo de reduzir a interação entre indivíduos e, assim, reduzir as chances da transmissão da covid-19. O Distrito Federal, em 11 de março de 2020, foi a primeira unidade da federação a determinar medidas restritivas, limitando as possibilidades de funcionamento de alguns serviços. Oito dias depois, outro decreto amplia as restrições: missas e cultos de qualquer religião estão suspensos. Apesar de imbróglis protagonizados por lideranças religiosas pontuais, e o presidente da república na ocasião, que discordavam sobre o fechamento das igrejas e templos, uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha¹⁰, entre os dias 18 a 20 de março de 2020, mostrou que 82% da população era favorável que cultos e missas fossem suspensas como estratégia para conter o avanço do vírus.

No dia 7 de abril de 2020, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), agência internacional especializada em saúde pública das Américas, divulgou um

¹⁰Pesquisa: Comportamento da População - coronavírus – instituto datafolha – março 2020 (<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2020/03/23/22cedeee019d1bf3e5e82c889e058b9bhb.pdf>)

documento¹¹ específico para líderes e comunidades religiosas no contexto da covid-19, a fim de orientar tais agentes no esclarecimento e preparo para ações de combate ao vírus. Na ocasião, a agência afirmou que líderes, instituições e comunidades religiosas podem ter um papel importante na redução dos casos da covid-19, por exemplo, adaptando ou eliminando práticas ritualísticas que oferecem contato pessoal próximo. Entre os pontos abordados, o documento destaca a realização de atividades religiosas de forma remota para que a comunidade religiosa mantenha suas conexões.

Os líderes religiosos devem se lembrar de que são exemplos importantes para sua comunidade no reforço das recomendações, e mostrar como as comunidades podem manter uma conexão realizando atividades religiosas remota ou virtualmente. Considere como sua comunidade ou organização religiosa podem utilizar a tecnologia para fazer celebrações ou outros eventos religiosos disponíveis online. [...] Faça uma gravação em vídeo ou áudio das celebrações e cerimônias e transmita-os ou publique-os nas redes sociais (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020).

Para comunidades religiosas cristãs que nasceram ou, conforme o tempo, se ajustaram ao contexto digital, a adaptação de seus cultos do presencial para as plataformas de transmissão não foi encarada como desafio, uma vez que tais grupos religiosos já possuíam estrutura física e voluntários destinados aos serviços de transmissão dos cultos e celebrações.

De muitas maneiras, a pandemia tornou-se um experimento de tecnologia e mídia em que muitas igrejas foram forçadas, o que criou ansiedade e oportunidades únicas para muitos líderes da igreja, cujas implicações, argumentamos, precisam de uma investigação mais profunda¹² (CAMPBELL, 2021, p. 64).

Pensar na prática judaico-cristã da religião para além do presencial, em contextos não emergenciais, encontra obstáculos profundos devido sua gênese, que se constitui em crenças atravessadas pela comunidade, onde todos compartilhavam o comum. Templos, sinagogas e espaços domiciliares formavam o

¹¹Considerações práticas e recomendações para líderes e comunidades religiosas no contexto da COVID-19 (https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52237/OPASWBRACOV1920070_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

¹²*In many ways, the pandemic became a technology and media experiment they many churches were forced into which created both anxiety and unique opportunities for many church leaders, the implications of which, we argue, are in need of more in-depth investigation.*

ambiente de adoração desta comunidade. Assim, a prática da religião digital é um confronto com as raízes cristãs, pois desfaz certas ritualidades que caracterizam as práticas religiosas: a participação em comunidade, em corpo presente, celebrando e ritualizando importantes emblemas cristãos, como o batismo e a Santa Ceia.

Para além das questões eclesiológicas, a adaptação das ritualidades religiosas à exclusividade digital também exigiu, de cada comunidade, uma negociação própria quanto à aceitação ou não da tecnologia, orientados com base em suas tradições e valores fundamentais (CAMPBELL, 2010). Algumas dessas negociações com a tecnologia envolvem uma seletividade do que é apropriado, do que é dispensável e do que pode ser reconfigurado ao contexto da comunidade para que não haja rupturas com princípios e posicionamentos religiosos estabelecidos. "Isso significa que os grupos religiosos que desejam usar as ferramentas da modernidade devem tomar decisões críticas sobre como o uso da tecnologia de computador pode apoiar, ao mesmo tempo que desafia, o ethos e os objetivos de sua comunidade" (CAMPBELL, 2010, p. 115).

No caso da CCB, a corrida para adaptação dos seus ritos, durante o período em que os locais de aglomeração estiveram fechados, envolveu passos iniciais relacionados à questão técnica. A denominação, que nunca aprofundou-se no envolvimento com mídias tradicionais e mídias sociais digitais, não possuía perfil ativo no Youtube e nem Vimeo, plataformas de transmissão e compartilhamento de vídeos que servem como ferramentas para diversas denominações transmitirem seus ritos. Assim, a CCB estabelece, oficialmente, em 13 de março de 2020, um espaço para a denominação no Youtube¹³, no mesmo mês a conta do Vimeo é criada. Antes dessa estratégia técnico-emergencial, a CCB nunca havia transmitido o seu culto.

Após seis dias da criação do canal, na circular da denominação de número 31, publicada em 15 de março de 2020, é informada a suspensão dos cultos da denominação, por tempo indeterminado, por prazo indeterminado.

Foram suspensos os cultos presenciais e todos serviços divinos e reuniões em templos da Congregação Cristã no Brasil, sem data para retornar. Tal medida foi tomada, considerando-se solicitação dos nossos governantes, buscando conter a situação de contágio imposto pelo referido vírus. [...] Os cultos online poderão ser

¹³ <https://www.youtube.com/@CongregacaoCristanoBrasil>

acessados no endereço <https://congregacaocristanobrasil.org.br>, 15 minutos antes do início do serviço (CCB, Circular nº 31. 19/3/2020).

A partir desta circular, a igreja passa a direcionar a sua membresia para os cultos unicamente de forma on-line. Por conta da inexperiência com o contexto digital, a circular do dia 22 de março de 2020 traz pedidos de desculpas por intercorrências técnicas após a primeira transmissão oficial realizada pela denominação em decorrência da pandemia:

Ficou essa primeira experiência como lição para superar as dificuldades técnicas, sobre as quais já se está trabalhando e sendo superadas. Temos a esperança de que no próximo culto, com ajuda de Deus, não mais ocorrerão esses problemas técnicos e todos poderão participar sem dificuldades (CCB, Circular nº 35. 22/3/2020).

Na *home* da igreja, na aba "culto on-line", possivelmente criado no período da pandemia, um espaço disponibiliza atalhos para acompanhar o culto on-line de algumas maneiras: por vídeo com som e imagem; apenas por áudio, para realidades onde a conexão com a internet não favorece transmissões robustas ou por libras. Assertivamente, disponibilizar diferentes formas de acompanhar os ritos da denominação, segundo necessidades particulares, é reconhecer a diversidade concentrada em seus adeptos. Outro achado interessante no espaço separado para abordar informações sobre o culto on-line, a denominação também especifica em tópicos as recomendações comportamentais para acompanhamento das transmissões:

- Prestar toda a reverência ao Senhor (não é presencial, mas é culto a Deus);
- Os trajes devem ser os mesmos utilizados quando vamos à igreja;
- As irmãs não podem esquecer de estar cobertas com o véu;
- Procurar ambiente silencioso para se conectar ao culto;
- Em tempo antecedente ao início do culto fazer a oração particular;
- Caso outras pessoas tenham interesse em assistir ao culto fornecer o endereço do nosso site para que o façam em suas casas;
- Seguir recomendações das autoridades sanitárias (CCB, s. d.).

A partir das recomendações gerais expostas pela denominação à participação do culto on-line, percebemos o anseio denominacional para manter a cultura de ritos, independente da circunstância ou plataforma, uma espécie de postura comportamental e institucional capaz de validar a adoração.

Em 18/7/2021, conforme anuncia a circular nº 113, os cultos e demais serviços foram retomados de forma presencial, seguindo as recomendações protocolares das autoridades de saúde. Mesmo com a volta dos serviços de forma presencial, a denominação continua até o momento fazendo transmissões on-line em dois dias diferentes, quarta-feira e domingo. O formato da transmissão segue o mesmo, ainda com comentários bloqueados, exclusão do conteúdo após transmissão e o "reconhecimento" da oficialidade do serviço sendo apenas a transmissão que parte diretamente do Brás, conforme aponta a última circular que trata o assunto:

A Paz de Deus. Amém. O Conselho dos Anciões Mais Antigos do Brasil reitera que os cultos online da Congregação Cristã no Brasil reconhecidos por este Conselho, são somente aqueles realizados a partir dos salões do Complexo Brás, através do canal de transmissão oficial, indicado em nosso site, www.congregacaocristanobrasil.org.br, nos dias de domingos as 10 horas e quartas feiras as 15 horas (CCB, Circular nº 103, 24/6/2021).

Essas delimitações no uso e apropriação da plataforma de transmissão ao que está em pacto com a tradição da CCB, é o que Campbell (2010) caracteriza como negociação tecnológica à luz dos valores centrais, muito própria a grupos resistentes a incorporação dos meios técnicos midiáticos ao contexto eclesial. Assim, instituem um processo dinâmico que envolve não apenas a tomada de decisão sobre a utilidade de uma tecnologia, mas uma formação ativa que tem um forte componente ideológico (CAMPBELL, 2010). Ou seja, não é uma questão de usar ou não usar uma tecnologia. É também uma decisão que mexe com bases dogmáticas.

Ainda sobre o estabelecimento do culto on-line por parte da CCB, por mais que o conteúdo seja livre para quem quiser assistir, em comunicado de nº 90, do mês de fevereiro de 2021, o Conselho de Anciões evidencia para qual público a transmissão dos serviços religiosos se destina: enfermos, portadores de mobilidade reduzida, pertencentes a grupos de risco e outras necessidades. No site da igreja na

versão *mobile*, na aba "culto on-line", também consta a descrição do público alvo. Com isso, podemos compreender que, por mais que a CCB tenha incorporado a sua tradição ao culto on-line, o recurso não é visto como uma alternativa para membresia em geral, mas um atendimento às necessidades específicas de alguns adeptos.

Porém, partindo do entendimento da não instrumentalidade técnica, entendemos que após a introdução institucional do culto on-line, que oferece a quem quiser a oportunidade da comunhão digital, novas experiências religiosas surgem, mesmo que o recurso permaneça como uma exceção a grupos determinados.

No caso da CCB, de fato, tal envolvimento ocorre tardiamente se comparado a outros grupos religiosos, mas nem por isso a dinâmica da religiosidade neste grupo está livre de modificações. Assim, a denominação pode olhar para o culto on-line apenas como uma ferramenta de mediação (o estar), no entanto, para a membresia, podemos encarar que há um fenômeno de mídiatização (o habitar), trazendo mudanças no tecido social religioso. Aguiar (2019), no artigo "Notas sobre a religiosidade tecnológica", aborda a questão dessa transformação:

O efeito da técnica nunca é neutro. Se uma religião incorpora uma nova tecnologia, essa incorporação vai transformar a própria experiência religiosa. [...] A tecnologia não se manifesta mais como uma pura gama de instrumentos graças aos quais podemos resolver problemas, cumprir tarefas ou adaptar o ambiente, essas técnicas tomam, antes, uma forma quase mágica capaz de provocar subjetividades sociais em torno de vibrações, de êxtases, prazeres estéticos e pulsões lúdicas (AGUIAR, 2019, p. 6 e 7).

Como dito acima, a CCB pode até negar o caráter de interação do digital ao bloquear comentários no chat do Youtube e excluir as transmissões após terminadas, porém, outros perfis "burlam" a orientação institucional e transmitem o mesmo culto, permitindo a interação da comunidade e mantendo o vídeo no ar para ser assistido em outros momentos. Dito isso, o que queremos afirmar é que, a partir do momento que a CCB montou um aparato tecnológico de transmissão em sua sede no Brás, em caráter emergencial, a sua dinâmica social-religiosa ganha novos contornos, constrói um novo ambiente, marcando uma nova era para esta denominação.

2.2 Papéis midiáticos e tensões denominacionais

As tensões históricas entre a CCB e a mídia, sobretudo durante a pandemia, onde o alvo passa a ser as mídias sociais digitais, ficam evidentes em alguns documentos denominacionais de circulação entre os adeptos. Mas agora, além de terem que lidar com o aparato técnico que no momento era um "mal necessário", a tensão se volta aos desdobramentos do culto on-line e a relação que os membros passaram a desenvolver com o conteúdo.

Por exemplo, há uma disputa no controle da transmissão, onde a denominação reivindica a exclusividade na difusão dos serviços religiosos e esclarece o ponto na circular:

Solicitamos que o acesso aos cultos online se dê exclusivamente pelo site www.congregacaocristanobrasil.org.br canal este de nosso domínio exclusivo e sem qualquer interesse financeiro, pois, tem ocorrido retransmissões de nossos cultos por outros canais NÃO OFICIAIS no YOUTUBE e FACEBOOK, utilizando a marca registrada da Congregação, sem a garantia de que não haja interesse econômico, o que é princípio da Congregação Cristã no Brasil desde a sua origem (CCB, Circular nº 40. 4/4/2020).

Em outra circular pandêmica, outro achado que aborda o contexto da cultura digital apresenta repúdio aos prints e postagens contendo partes das pregações ministradas e transmitidas on-line. A saber, a CCB costuma prezar pelo anonimato dos seus líderes. Assim, a veiculação da imagem desses homens ou parte da mensagem que transmitem fere totalmente o posicionamento eclesiástico da denominação.

Reiteramos que posts e prints contendo citações bíblicas ou trechos da Santa Palavra e fotos de nossos irmãos Anciães não são postados por nós e não aceitamos que o façam. São coisas santas que devem ser preservadas dentro do coração. Pedimos que não divulguem ou compartilhem tais mensagens (CCB, Circular nº 49. 22/5/2020).

Em outro tópico da mesma circular, com a designação "presença nos cultos online", mais uma vez toca-se no mesmo assunto do registro das atividades de culto. Nessa parte, o documento usa termos mais incisivos: "É exigido dos

participantes não filmar, fotografar ou gravar os santos serviços de culto, bem como o ambiente onde são realizados" (CCB, Circular nº 49. 22/5/2020).

Ainda no mesmo documento, intitulado de "Esclarecimentos à Irmandade Cultos Online", assinado pelo grupo que forma o "Conselho dos Anciões Mais Antigos do Brasil"¹⁴, é desestimulado que a irmandade da Congregação também produza e distribua informações sobre a realização de atividades na CCB:

Não é necessário que nossa irmandade crie informativos a respeito de cultos, reuniões e outros serviços, bem como publicações pertinentes. Temos uma equipe técnica de voluntários que se ocupam, continuamente, em apresentar e preservar a boa imagem da Congregação Cristã no Brasil (CCB, Circular nº 49. 22/5/2020).

É possível ver a irmandade tomando a frente na produção, distribuição e sugestão de conteúdo e outras publicações, o que não é bem recebido pelo corpo institucional. Dessa forma, os estranhamentos sobre controle e oficialidade das ritualidades on-line ficam expostos nos discursos das circulares. Para agregar ao ponto, trazemos o último tópico do mesmo documento que aponta esclarecimentos sobre o culto on-line, onde há um pedido para que a irmandade deixe de enviar sugestões de adequações tecnológicas e passe a olhar para o que é, de fato, necessário:

Contamos com a boa compreensão da cara irmandade no tocante ao envio de e-mails com sugestões para adequação de nosso site, na formatação dos cultos online e outros pareceres e sugestões. O momento é de enfrentamento e temos demanda de atendimento para boa parte da irmandade, realmente, necessitada. Considere bastante aquilo que será remetido e, se for o caso, deixe para quando tudo isso terminar (CCB, Circular nº 49. 22/5/2020).

Da Silva e Costa (2020), ao abordar a questão do envolvimento do membro religioso nas ritualidades, principalmente em uma sociedade midiaticizada e inserida no contexto das redes, diz que o ambiente on-line não existe para que a religião seja transmitida, mas para que ela seja produzida (p. 188). Além disso, no ambiente midiático, os papéis dos agentes de produção são compartilhados e, ainda mais, possuem a mesma relevância:

¹⁴Órgão máximo da CCB composto por homens que possuem maior tempo na função do ancionato. Como forma de comparação, são como bispos: dominam ensinamentos eclesiais e são responsáveis por um número de igrejas. A função também os autoriza a realizarem batismos, santas ceias, ordenação de novos anciãos e diáconos.

Se tratando de midiatização da religião na internet, a produção discursiva e a prática religiosa de um membro de determinada denominação, que também está nas mídias sociais, é tão importante quanto a atividade midiática de um pastor, pois a rede possibilita que o impacto de um discurso publicado no Facebook de um fiel, por exemplo, possa produzir tanto efeito quanto a mensagem do pastor da igreja (SILVA; COSTA, 2020, p. 190).

Aqui, podemos inferir no lugar do pastor a posição do ancião, que na CCB possui as atribuições máximas de liderança. Quanto à validação da produção de conteúdo da membresia, a partir dos documentos, parece não ser algo com fácil aceitação. A CCB carrega em suas bases a valorização da hierarquia espiritual estabelecida com base em diversos critérios, assim, é difícil enxergar a aceitação de uma horizontalidade nos discursos. Por essa razão, é percebido um sufocamento da liderança quanto à proatividade dos prosélitos na contribuição do fazer religioso no contexto digital.

Para Valente (2015), a postura de desconexão da CCB com os novos contextos que abrigam a experiência religiosa é o que tem provocado – pela primeira vez desde a sua criação – o declínio da igreja em número de membros. De fato, segundo Camurça (2013), no Censo 2010, a Congregação apresentou queda de 8% comparado ao recenseamento demográfico de 2000, enquanto a Assembleia de Deus, denominação pentecostal que nasce um ano após o início da CCB, apresentou crescimento de 46,4% em dez anos. Na pesquisa exploratória desenvolvida por Valente (2015) com membros da igreja, revelou-se que um dos fatores que impedem o crescimento – ou promovem o declínio – da denominação é a relutância em aderir às condições culturais de um contexto de modernização global. Assim, as práticas e doutrinas do grupo são encaradas como ultrapassadas.

As denominações que prosperam em meio a mudanças são geralmente aquelas que são capazes de se relacionar efetivamente com seu contexto, maximizando os fatores positivos, minimizando os fatores negativos, programando em direção ao futuro do que se agarrando a um passado que mais cedo ou mais tarde está fadado a desaparecer (VALENTE, 2015, p. 93 *apud* WALRATH, 1979, p. 269).

A mídia está entre as condições básicas da modernidade tardia, ela condiciona a forma como o conhecimento é produzido e compartilhado, e como as ideias, valores e símbolos são construídos (HOOVER, 2006). A CCB conseguiu

manter, durante anos, o dogma de distanciamento severo da mídia. Porém, no contexto midiático, sobretudo o digital, onde as mídias sociais abriram o campo participativo para os indivíduos, reconhecer que tal espaço tem transformado o ambiente religioso é entender que, a partir desse novo cenário, inevitavelmente, a prática religiosa dos adeptos será atravessada por materialidades historicamente rejeitadas e suas experiências com o sagrado serão diferentes, independentemente da aprovação ou desaprovação da denominação.

Admitir uma nova tecnologia ao ambiente social e, especificamente, ao contexto religioso, é um ato a ser feito com os olhos bem abertos (POSTMAN, 1992); porque ao negar o caráter neutro de um meio técnico e reconhecer seu viés ideológico, a chegada de uma nova tecnicidade muda completamente a forma de desenvolvimento de um grupo e suas experiências. Assim, a incorporação de tecnologias midiáticas ao contexto denominacional religioso vai muito além do entendimento ferramental, ou seja, o uso pelo uso apenas no sentido de atender uma necessidade específica. Na verdade, é motivo de reflexões significativas, como: "em que sentido as novas mídias alteram o que se entende por religião, por igreja, até mesmo por Deus?" (POSTMAN, 1992, p. 19). Afinal, a inserção da comunicação digital não significa que esta forma de religião excluirá a outra, mas que novas dimensões da comunidade religiosa serão criadas, independentemente de quem inicia o processo. A comunicação digital pode se tornar uma extensão legítima da comunidade religiosa (KŁODZIEJSKA, 2021), que a partir da midiatização do religioso, passa a desenvolver novas experiências religiosas.

CAPÍTULO 3 - DA TRADIÇÃO AO TIKTOK

Esta pesquisa apontou a pandemia como um marco temporal relevante no que diz respeito às mudanças na tradição da CCB quanto à introdução do uso de tecnologias de transmissão em seus serviços religiosos. Assim, em 2020, pela primeira vez, câmeras e outros aparatos técnicos de transmissão foram introduzidos na ritualística da CCB. Diretamente do bairro do Brás, na cidade de São Paulo, a imagem de líderes que presidem o conselho ministerial da denominação, até então figuras conhecidas dentro do círculo reservado no qual a denominação se coloca, agora estariam veiculadas na maior plataforma de vídeos do mundo: o Youtube.

Mesmo assim, como mostra a circular nº 49, intitulada "Esclarecimentos à irmandade - cultos online", no tópico "nome e localidade dos irmãos", o anonimato e afastamento de qualquer recurso que os colocasse em evidência diante da liturgia agora transmitida não seria abandonado: "Não há necessidade de indicar o nome do irmão que atende o culto ou exorta a Palavra. Alegramo-nos com a presença de Deus que em nós se manifesta (CCB, Circular nº 49. 22/5/2020).

Paralelo a esse momento inaugural de uso da tecnologia na história da CCB, durante os primeiros meses da pandemia de covid-19, uma plataforma chinesa, o TikTok, começa a ganhar espaço. No primeiro trimestre de 2020, a plataforma atingiu 2 bilhões¹⁵ de downloads do aplicativo em todo o mundo. Em um momento onde ficar em casa era a recomendação protocolar para conter o vírus, conseqüentemente, o acesso a meios de entretenimento passou a ser alternativa para vivenciar os dias conturbados.

O TikTok, apelidado de "rede social da pandemia", ofereceu aos milhões de anônimos ferramentas para uma criação de conteúdo dinâmico, criativo e simples de ser operacionalizado, sendo uma plataforma inteiramente focada na produção de vídeos. "No TikTok, qualquer um que disponha de um celular pode se tornar conhecido por centenas de milhões de pessoas em questão de segundos, mas, em seguida, voltar ao anonimato" (STOKEL-WALKER, 2023). A vitrine do TikTok é segmentada individualmente, com base em interesses já sinalizados. Assim, cada usuário encontra um "*Para Você*" segmentado, assim como acontece em outras plataformas de mídias sociais digitais. Em termos comparativos, o Instagram e o

¹⁵ TikTok cresce durante a pandemia:
<https://canaltech.com.br/apps/tiktok-cresce-durante-a-pandemia-e-chega-a-2-bilhoes-de-downloads-164110/>

TikTok praticamente oferecem as mesmas possibilidades para a produção de vídeos. Porém, enquanto no *Instagram* o *Reels* é apenas uma das ferramentas da plataforma, no TikTok a produção de vídeos corresponde ao objetivo central da plataforma.

Há carência de detalhes nas informações disponibilizadas sobre o funcionamento do algoritmo do TikTok, mas conforme a reportagem "How TikTok reads your mind"¹⁶, do *New York Times*, publicada em dezembro de 2021 e traduzida pelo *Jornal de Brasília*¹⁷, o motor algorítmico do TikTok possui um refinamento mais aguçado do que de outras plataformas, resultando em maior assertividade na oferta de conteúdos aos usuários. Em outra reportagem, publicada pelo *Wall Street Journal*, "Inside Tiktok's highly secretive algorithm"¹⁸, o jornal revelou que criou dezenas de contas automatizadas que assistiram a centenas de milhares de vídeos para entender como o TikTok consegue conhecer tão bem os interesses de seus usuários. Descobriu-se que a plataforma de vídeos só necessita de uma informação importante para descobrir os desejos de seus usuários: a quantidade de tempo que demoram em um conteúdo. A cada segundo que alguém hesita ou assiste novamente um vídeo, o aplicativo está rastreando esses passos para otimizar a oferta de conteúdos individuais, recomendando outros vídeos que vão interessar e entreter a audiência.

Dessa forma, diferente de um *feed* construído a partir do conteúdo produzido por perfis mais seguidos, o algoritmo do TikTok trabalha a partir do "gráfico de conteúdo". Ou seja, quanto mais um tipo de conteúdo é visto, mais a plataforma recomenda conteúdos similares, porém de perfis distintos e, que muitas vezes, nem possuem um número representativo de fãs mas que de alguma forma passaram pela peneira algorítmica do aplicativo. É por isso que, atualmente, é relativamente mais fácil "estourar" no TikTok mesmo produzindo conteúdos que passam longe de superproduções, pois a programação do aplicativo chinês é amigável aos produtores "desconhecidos", diferentemente de outras plataformas.

Não se sabe completamente como os códigos computacionais, ou seja, o algoritmo do TikTok, foram programados para agir. Entretanto, é sabido que há

¹⁶ How TikTok reads your mind: <https://www.nytimes.com/2021/12/05/business/media/tiktok-algorithm.html>

¹⁷ Entenda como os algoritmos do TikTok 'leem' sua mente:

<https://jornaldebrasil.com.br/noticias/mundo/entenda-como-os-algoritmos-do-tiktok-leem-sua-mente/>

¹⁸ Inside Tiktok's highly secretive algorithm:

<https://www.wsj.com/video/series/inside-tiktoks-highly-secretive-algorithm/investigation-how-tiktok-algorithm-figures-out-your-deepest-desires/6C0C2040-FF25-4827-8528-2BD6612E3796>

máquinas inteligentes que interpretam os textos, imagens e vídeos usando o processamento de linguagem natural que qualifica os conteúdos interessantes (STOKEL-WALKER, 2023).

Vídeos que são assistidos por inteiro e/ou assistidos várias vezes recebem o maior peso para serem recomendados. [...] A próxima métrica mais importante para decidir se um vídeo deve ser recomendado não só para um pequeno grupo de usuário, mas para toda a comunidade de TikTokers é se foi compartilhado pela interface do aplicativo. Os comentários são o próximo parâmetro para determinar quais vídeos são interessantes, e a função de clicar duas vezes para "curtir" o conteúdo é a indicação menos valiosa de um vídeo merece ser divulgado para mais pessoas (STOKEL-WALKER, 2023, p. 93).

Desde o início dessa pesquisa, foi realizada diariamente uma atividade exploratória no TikTok em busca de conteúdos produzidos por adeptos da CCB com o objetivo de que o algoritmo entendesse que há um interesse nessa determinada produção. A partir de hashtag *#mocidadeccb*, que concentra quase 270 milhões de visualizações de conteúdos, foi possível encontrar os primeiros perfis que produzem regularmente vídeos relacionados ao contexto religioso que praticam.

Em pesquisa exploratória, foi possível perceber que existe um alto volume de produção de conteúdo no TikTok referente ao contexto da CCB. Não é possível saber a quantidade exata de criadores na plataforma que são membros da CCB, porém, a partir do número de visualizações de conteúdo que, de alguma forma, identifica a Congregação, presumimos que a produção é constante. Por exemplo, a tag *#ccb* tem mais de 1.5 bilhões de visualizações. Já a *#ccbrasil* soma mais de 680 milhões de visualizações.

Desta maneira, é possível dizer que o TikTok ofereceu o terreno e as ferramentas para que pessoas comuns, pertencentes a um grupo extremamente reservado e com dogmas religiosos quase que imutáveis desde 1911, abrissem a porta do seu particular cotidiano aos milhões de usuários ativos da plataforma.

3.1 Delimitações para análise

Sem ainda saber dar nome ao processo que esta pesquisadora realizava ao consumir vídeos de produtores de conteúdo da CCB no TikTok, este trabalho tomou forma após uma pré-análise despreziosa que, meses depois, tornou-se o ponto

de partida para a criação de hipóteses sobre o fenômeno comunicacional que este trabalho aborda. Vale dizer que, de início, a tentativa em buscar uma organização para a formação de categorias de análise foi um encontro com o caos (MARTINO, 2018), devido à produção extremamente dinâmica e a agilidade do algoritmo do TikTok em oferecer a cada poucos segundos novos conteúdos de um mesmo segmento que parece ser interessante para o usuário.

Dada a inovação constante de novas plataformas de mídias digitais, como o TikTok, que tem apresentado novas variáveis e métricas pouco transparentes para analistas científicos, pode parecer tarefa inalcançável determinar padrões ou identificar unidades de análise, ponto essencial para a pesquisa que usa a análise de conteúdo.

Entretanto, dentro de todo o contexto volúvel que o TikTok apresenta para quem busca entender seus padrões, foi possível fazer a definição de unidades de análise, como a definição de uma *hashtag* (#mocidadeccb) e parâmetros de ordenamento de: relevância, data de publicação dentro de uma semana e todos os vídeos. Para não haver qualquer "manipulação" de interesse do que seria oferecido pelo algoritmo – caso o código levasse em contato interesses já sinalizados pelo usuário –, decidimos parar de seguir perfis e desmarcar favoritos. A extração de conteúdo aconteceu em uma segunda-feira, dia 8/5/2023, na parte da manhã. Frisar essa informação é importante pois, dada a intensa produção de conteúdo na plataforma, a mudança do dia de pesquisa possivelmente alteraria os conteúdos levantados. Como o principal culto da denominação ocorre no domingo pela manhã, imaginou-se que a coleta de dados na segunda-feira poderia fazer emergir conteúdos mais específicos da prática da denominação.

Salienta-se também que a ação de inserção desses filtros no TikTok só é possível ser feita no aplicativo do smartphone, por isso, em determinados momentos, as figuras inseridas estarão no formato vertical.



Figura 1: Captura de tela com filtros de análise no TikTok selecionados

Após a aplicação dos filtros, foram levantados 41 conteúdos em vídeo. Ao assisti-los, foi possível perceber que o conteúdo exposto fornecia informações significativas e válidas para responder como os membros da CCB utilizam o TikTok para promover a sua religiosidade digital. Cada vídeo com seus respectivos links de acesso estão disponíveis na área de apêndice deste trabalho.

A partir disso, formamos então 4 categorias que organizam os conteúdos elegíveis para análise. Dizemos elegíveis pois dois conteúdos que saltaram na filtragem não são uma produção de membros da CCB, mas de outra denominação. Esse vídeo entrou na peneira do TikTok, pois foi usada a *hashtag* que os adeptos da Congregação usam, provavelmente, como uma forma de ampliar o público de suas criações. O conteúdo era uma paródia que cantava sobre a felicidade de um homem ter encontrado a sua "vasa", expressão usada no contexto evangélico que tem o mesmo significado de "alma-gêmea".

Antes de entrarmos nas categorias de análise, é importante reforçar que, dado o funcionamento específico do algoritmo do TikTok, qualquer novo filtro incorporado ou alterado na pesquisa pode fazer surgir outros tipos de conteúdo e, respectivamente, novas categorias podem nascer.

3.2 Categoria: *Trend*

As *trends*¹⁹ no TikTok são tendências de conteúdo replicados de forma natural por outros usuários, ganhando popularidade e se espalhando rapidamente na plataforma. É daí que começam a popularizar as coreografias de dança, os desafios, memes, músicas cantadas etc. A *trend* é uma característica forte dessa plataforma, tendo como ponto central a capacidade de usar um elemento em comum – um áudio ou um vídeo – específico que origina uma nova produção.

Durante o período de análise, identificamos conteúdos com essa particularidade. São vídeos criados a partir de áudios de outros criadores. Em um dos vídeos, é o trecho de uma música de um cantor de funk, onde o recorte é usado por mais de 8 mil usuários. No contexto que a criadora do conteúdo da CCB usou, ela acrescenta outra fase no vídeo: "Minha família é toda da CCB, que saco." A frase é usada como se ela ouvisse a afirmação de uma outra pessoa. Como resposta, ela dubla o trecho do funk: "Quem me dera ser o cara, que me dera ser abençoado."

Da mesma forma, um outro áudio que também originou outras produções é usado para criar um vídeo que mostra uma reunião de jovens da Congregação em Maceió. O áudio tem um estilo humorístico, que narra as palavras: "Cabe mais, eu acho é pouco, cabe mais." Na imagem é possível ver um templo cheio, com homens e mulheres com a cabeça coberta com o véu, elemento presente na doutrina da igreja. O que chama a atenção para essas produções é que não houve uma preocupação em usar uma produção "profana" para aplicá-la a um conteúdo "sagrado".

Nas produções citadas e em outras já vistas na plataforma feita por produtores de conteúdo da CCB, parece não haver problema ou restrições em usar áudios com músicas fora do contexto cristão da Congregação. Tal pontuação é importante porque a denominação desde seu início recomenda o afastamento das coisas "terrenas" que desviam a atenção do que é importante, ou seja, o desenvolvimento da natureza espiritual. No entanto, nestas produções destacadas, os produtores parecem não aplicar o conceito nos vídeos produzidos pois fazem usos das produções seculares.

¹⁹Entenda por que as trends do Tik Tok estão bombando:

<https://meunegocio.uol.com.br/blog/entenda-por-que-as-trends-do-tik-tok-estao-bombando/>

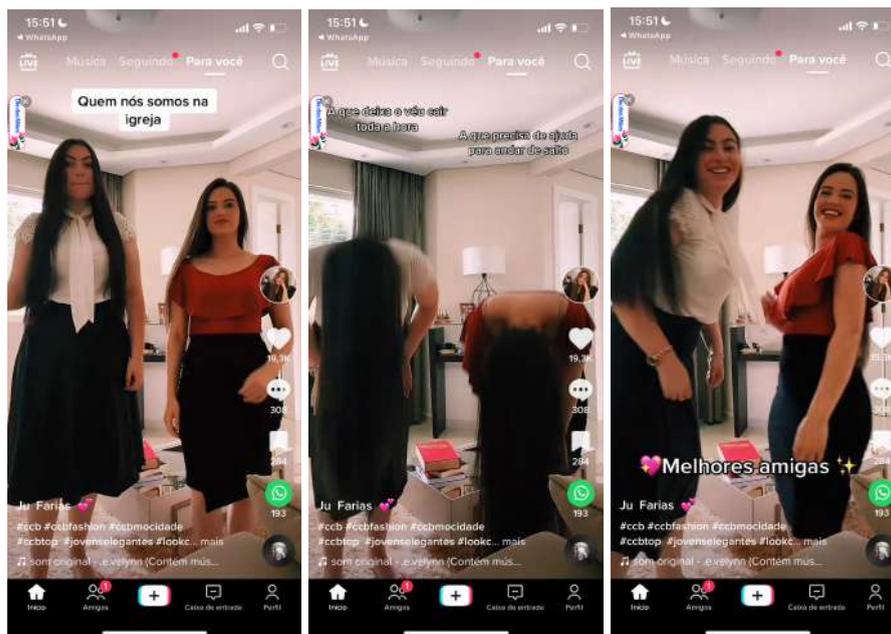


Figura 2: Vídeo com mais 600 mil em visualizações usando áudio de uma *trend*

Vale destacar outras duas *trends* encontradas durante o recorte da análise e que, diferentemente de outras produções, estão diretamente relacionadas – tanto o áudio usado como quem produz – com a realidade da CCB. A primeira usa um trecho em áudio de uma pregação do atual ancião-presidente da CCB, Claudio Marçola. Enquanto ele fala, o hino "Granjeai, granjeai os talentos" da coletânea de canções da denominação é cantado por um grupo de fiéis.

Esse áudio, disponível no TikTok, foi usado pela primeira vez na plataforma no dia 28/11/2022, porém, não é possível afirmar a data na qual esta pregação foi realizada, e nem se a captação do áudio foi realizada *in loco*, ou a partir de uma transmissão do culto no Youtube. Essa indeterminação nas informações é uma característica da cultura digital, que acaba por oferecer ferramentas para a realização de novas inscrições a partir de um conteúdo "primário". No caso, a imagem do líder não aparece, mas o discurso é usado para a realização de uma nova edição de conteúdo, praticamente um desmembramento de imagem e voz para adaptação de novos significados. Braga (2006) denomina esse movimento como processo de re-determinação do material midiático. Onde o usuário faz a inserção do conteúdo em sua conjuntura, produzindo uma "interatividade difusa". A repercussão desse redirecionamento passa a circular em âmbitos diferidos e difusos, ultrapassando sub-universos locais, atingindo dimensões onde não é

possível fazer determinações de origem, mas onde é possível fazer circular experiências a partir de som, imagens e outros referenciais.

Dito isso, sem poder fazer determinações mais precisas do conteúdo, o que temos aqui é a descrição da fala do interlocutor:

Isso é divino, isso é poder, isso é graça. Nós não somos daqui. Somos peregrinos. Aqui não é a nossa pátria. Viva aqui um pouco irmão, viva os teus dias. Desfruta da sua família, desfruta dos seus bens, mas não perca a fé, aqui não é a nossa morada. Um dia subiremos (Cláudio Marçola em ordenamento de culto, 28/11/2022).

A mensagem em áudio traz aspectos de crença que residem na escatologia e rejeição ao terreno, onde acredita-se que acontecimentos apocalípticos irão culminar na redenção para uma terra prometida, a "cidade santa". A partir desta mensagem em áudio, foi possível verificar que mais de 60 novos vídeos foram feitos, todos eles com imagens de cultos, membros, rotina e estrutura da CCB.

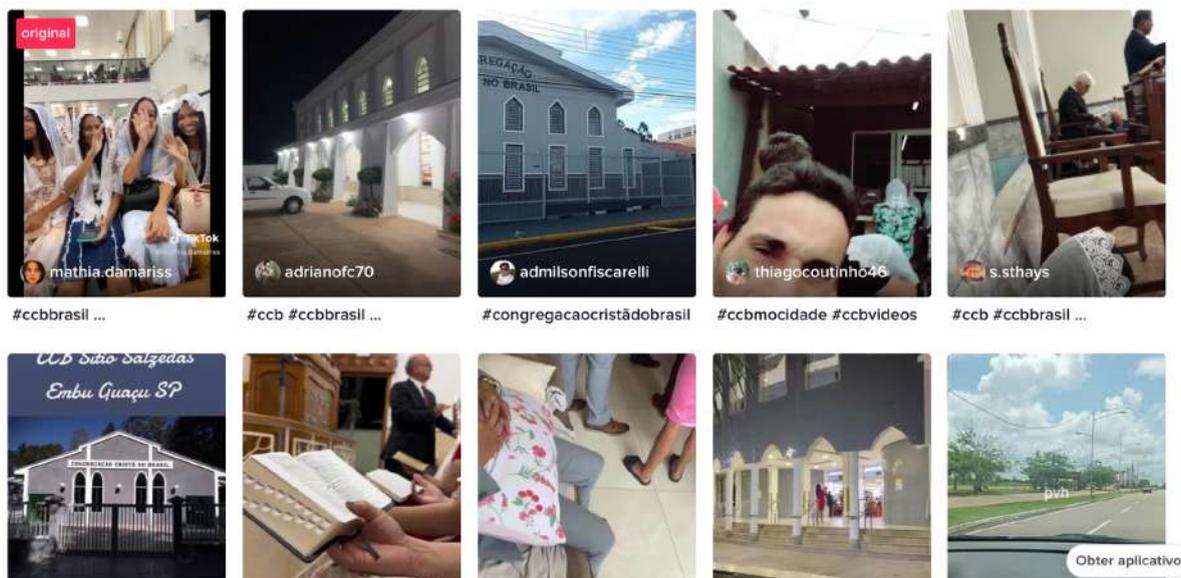


Figura 3: Sequência de capturas de tela que mostram produções a partir do áudio de um líder da igreja.

A segunda *trend* identificada no período é referente a um áudio onde um grande grupo de pessoas cantam junto com uma orquestra. Nesse áudio, há marcações fortes das tubas. O som produzido por esse instrumento tem gerado diversas *trends* no TikTok, muitas vezes derivado desse aspecto do instrumento emitir um "pom, pom, pom" e ser uma identificação da CCB.



Figura 4: Print de criadores que usam o áudio das tubas da orquestra da CCB.

A partir de um áudio que usa um trecho com o som das tubas, mais de 3 mil novos vídeos já foram produzidos. Em muitos deles, há uma espécie de desafio lançado, que pede para o público adivinhar qual denominação o criador de conteúdo pertence apenas ouvindo o tal do "pom, pom, pom".



#orquestra #tuba #ccb ...

Facil facil 🤔 #ccbbrasil ...

Figura 5: Som das tubas da orquestra é um dos áudios usado como *trend*.

No caso das *trends*, a escolha pelas performances tem a ver com o que está em alta. Na linguagem das redes, algo que "está bombando". Assim, independentemente se o áudio da *trend* é contextualizado ao ambiente da

denominação ou se é uma produção do *funk*, o que agencia os criadores para a produção é o nível de popularidade daquela produção original. No caso de áudios "seculares", os produtores da CCB remodelam o contexto da *trend*, produzindo novos sentidos alinhados ao ambiente religioso em que participam.

3.3 Categoria: Estilo

Nos materiais levantados a partir da filtragem, também percebeu-se um volume de produções que se concentrava em apresentar um rompimento da ideia erroneamente construído, de que o crente se veste mau ou não tem bom gosto. No universo de análise, os vídeos estão focados em apresentar um estilo de vestimenta que busca posicionar a mulher cristã, neste caso pertencente à CCB, como uma persona elegante, antenada à moda, muito distante do imaginário de que o evangélico é "cafona". O foco está em apresentar os elementos de imagem pessoal, sem ocultar as características próprias da denominação a que pertencem – no caso das mulheres, o uso rotineiro de saias ou vestidos e os cabelos longos.

Há uma afirmação nas produções deixando claro que, independente da doutrina que seguem, são mulheres que carregam vaidades, preocupam-se com o autocuidado, buscam afirmar que o estilo de roupa que usam passa longe de ser brega. A atitude mostra que, "apesar de pretender manter-se irremovível em seu tradicionalismo, a Congregação Cristã vem sofrendo pequenas alterações na área de usos e costumes e em sua composição social", como o uso de maquiagem (MARIANO, 2005, p. 30).



Figura 6: Tiktokers da CCB que produzem conteúdo mostrando looks e arrumação pessoal.

Não é raro encontrar produções de TikTokers da CCB que mostram *looks* e rotina de cuidados. São vídeos que geralmente mostram o *look* escolhido para a Reunião da Mocidade (RDM) ou outra ocasião da rotina de fé da igreja. A *hashtag* "Get Ready With Me", abreviada em GRWM ou "arrume-se comigo ccb", é uma das *tags* onde também é possível encontrar uma enxurrada de produções que mostram mulheres da CCB escolhendo *looks*.



Figura 7: Sequência de capturas de tela da tag "arrume-se comigo".

Para Mariano (2005), esse movimento mostra as mudanças que estão acontecendo nos costumes e hábitos que por muito tempo estiveram presos à própria imagem que os pentecostais reproduziam de si mesmos, quebrando essa imagem estereotipada, uniformizada. A ideia criada a partir desses vídeos é de

transmitir a impressão de que a elegância é possível, apesar dos usos e costumes que a CCB ainda orienta a seus adeptos.

Para além do movimento que quebra os estereótipos estéticos do crente, a efervescência desses vídeos pode sugerir quase uma quebra de padrão dogmático. Isso porque dentro do contexto da Congregação, as mulheres não possuem a liberdade de pregar ou estar a frente de alguma área de liderança denominacional, a não ser ajudar na "obra de piedade", um ministério de assistência social liderado por um diácono, ou como auxiliar de jovens e menores ou, ainda, como organista. Assim, restam as mulheres da Congregação pouca ou nenhuma oportunidade de posicionamento ativo dentro da denominação. A partir de sua interpretação dos ensinamentos do apóstolo Paulo, a CCB entende que as mulheres devem ouvir e aprender em silêncio. Por outro lado, no TikTok, elas parecem encontrar um território próprio de fala, com audiência e projeção que pode ser usado para além da exposição do "look do dia" ou outros aspectos que reforçam uma ideia limitante da atuação da mulher. Afinal, a plataforma tem oferecido a elas uma ferramenta de visibilidade única que não encontram dentro de suas igrejas.

3.4 Categoria: Cotidiano/Tradição

Maffesoli (2008) defende que a compreensão íntima dos objetos se realiza na relação com a vida cotidiana. Seguindo esta compreensão, então podemos dizer que o comum, o ordinário e a rotina podem expressar a mais profunda singularidade de um grupo. Assim, decidimos incluir nesta categoria a palavra "cotidiano", pois retrata um contexto específico da CCB. Por se tratar de uma denominação centenária, com forte apego ao tradicionalismo originário, com uma liturgia de atmosfera formal onde não são permitidas palmas e evitadas manifestações individuais (MONTEIRO, 2010), é naturalmente curioso perceber a performance dos adeptos da Congregação ao apresentar rituais e tradições formatados para a lógica da plataforma na qual produzem. Tal característica de adequação pode ser vista em qualquer uma das produções expostas nesta pesquisa. Entretanto, ao observar essa adaptação em conteúdos considerados da tradição da denominação, fica evidente o deslocamento desses costumes para a linguagem das redes. Assim como expõe Aguiar (2019), não há uma forma de escapar desta negociação:

A cultura das redes é aquela que permite a experimentação de qualquer tipo de representação do sagrado: de religiões tradicionais fechadas a novos movimentos religiosos inovadores e abertos. Em princípio, a tecnologia digital não impede a experimentação de nenhum tipo de religião, ao contrário, o digital forja um ciclo cultural que exige o deslocamento das religiões e religiosidades para as redes. E nenhum desses deslocamentos é neutro em seus efeitos, transformando, inclusive, as tradições (AGUIAR, 2019, p. 9 e 10).

Como exemplo, temos a produção de um no estilo tutorial, ensinando as mulheres da Congregação a como lavar corretamente o véu usado durante as programações espirituais. Com a legenda "Dica de Milhões ✨ gostaram e me conta como vc lava o seu!?", a criadora de conteúdo oferece o passo a passo para deixar o acessório religioso branco e cheiroso. O ensinamento informal que certamente era transmitido nos grupos sociais femininos por meio de conversas e orientações em comunidade, com a plataforma digital agora é ampliado, ganhando novas dimensões e promovendo outras interações. Como afirma Hjavard (2013, p. 140):

A Internet e outras mídias digitais proporcionaram aos atores religiosos novas oportunidades de comunicação com seus seguidores e com o público em geral. O potencial interativo das novas mídias confere a esses atores a possibilidade de estreitar laços com seus irmãos de fé e criar um novo sentido de presença e comunidade.

A vida comunitária sempre foi peça fundamental no cotidiano dos religiosos. Nas produções de TikTokers da CCB, essa característica fica visível, principalmente nos vídeos que relatam as visitas à sede administrativa e espiritual da denominação, no bairro do Brás, em São Paulo. O templo que comporta mais de 6 mil pessoas é destino de diversas caravanas do Brasil e do mundo que anseiam conhecer o espaço, pelo menos uma vez. Dessa forma, é corriqueiro encontrar no TikTok vídeos de adeptos, na sua maioria jovens, em grupos, que registram o primeiro encontro que tiveram com a igreja sede, destacando a estrutura do local, momentos da liturgia e até mesmo o entorno da igreja. Assim, é possível conhecer a principal estrutura física e espiritual da CCB a partir desses vídeos no TikTok, que funcionam quase como uma publicidade que gera interesse sobre o espaço, incentivando outros a também conhecerem o local.

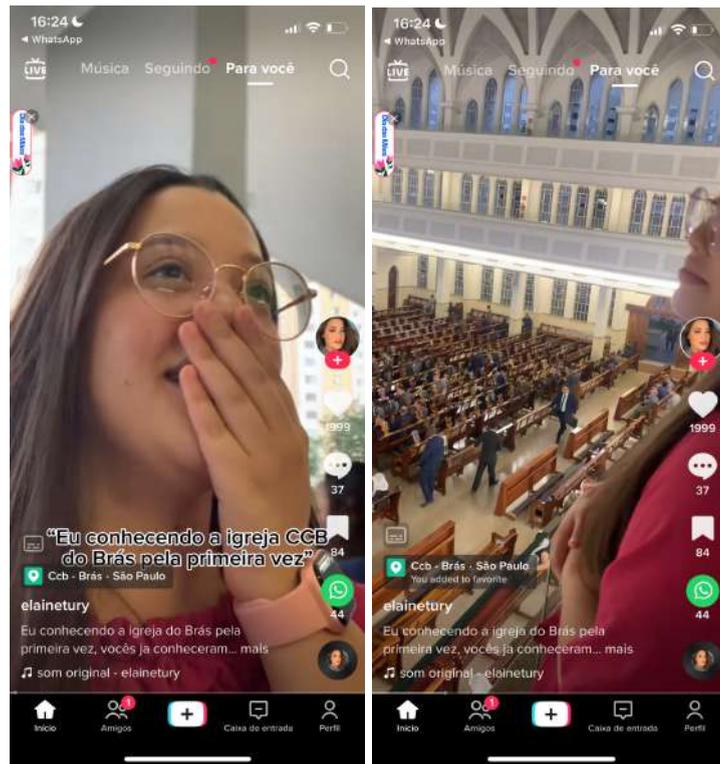


Figura 8: TikToker registra primeira visita à sede da CCB no Brás.

Notadamente, há inúmeras produções de TikTokers da CBB centradas em apresentar aspectos da tradição e dogmas da denominação. Assim, os adeptos que produzem esses conteúdos acabam servindo como divulgadores não-oficiais de uma denominação que historicamente mantém-se distante das mídias. São comuns vídeos que mostram algum momento litúrgico da CCB onde percebemos o retrato da tradição da igreja estampado nos elementos registrados por esses produtores.

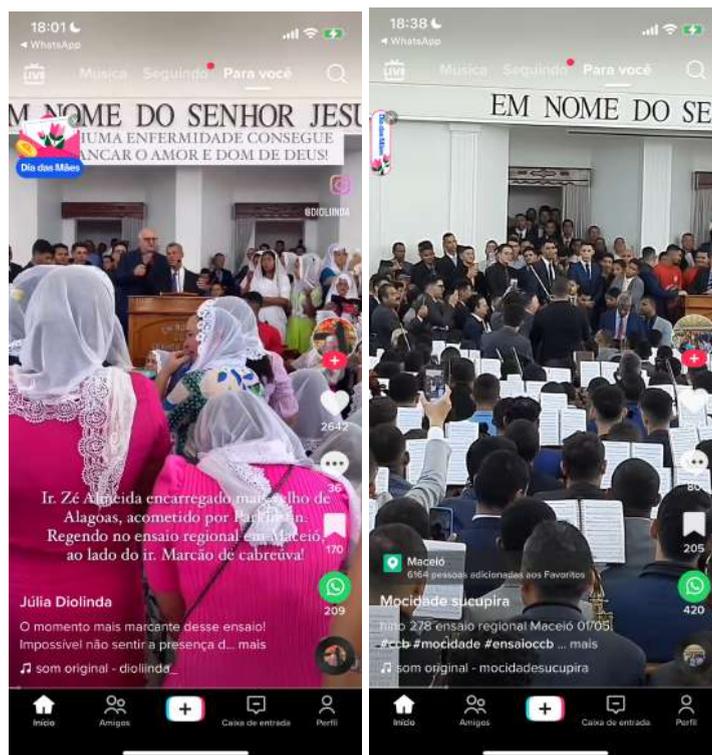


Figura 9: Mulheres com véu e orquestra da CCB são registros comuns no TikTok.

Na imagem acima também é interessante notar que outros adeptos também estão registrando o momento da adoração com seus dispositivos móveis. A cena pode parecer normal, mas aos olhos do corpo administrativo da CCB tal ação pode ser motivo de preocupação, uma vez que não é recomendado o uso de celulares durante o culto (CCB, Reunião Geral de Ensinamentos, 2021), mas mesmo assim a gravação de vídeos como esse são corriqueiros.

Nos limites determinados para a análise, também foi possível perceber diversos vídeos que apresentam a tradição musical da denominação. Segundo Monteiro (2010), em 1932, orientado por Louis Francescon, um conjunto de instrumentos passa a fazer parte da liturgia dos cultos da CCB. Começam também grupos de estudos de música e, mais tarde, a formação de orquestras.

A formação musical básica se faz por meio do ensino musical gratuito ministrado dentro das próprias igrejas. No início desse século, a CCB já contava com aproximadamente 250 mil músicos. É interessante verificar que, por meio desse movimento, o gosto musical tem sido despertado mesmo entre os estratos mais desfavorecidos da população e muitos jovens procuram dar continuidade a seus estudos em conservatórios musicais. (MONTEIRO, 2010, p. 140).

Por assim ser, os perfis de adeptos da CCB no TikTok optam em carregar para a plataforma a tradição que os acompanha desde cedo. Os vídeos foram gravados em locais domésticos e dentro do templo. Mas independentemente do espaço, todas as músicas apresentadas fazem parte do hinário da denominação.

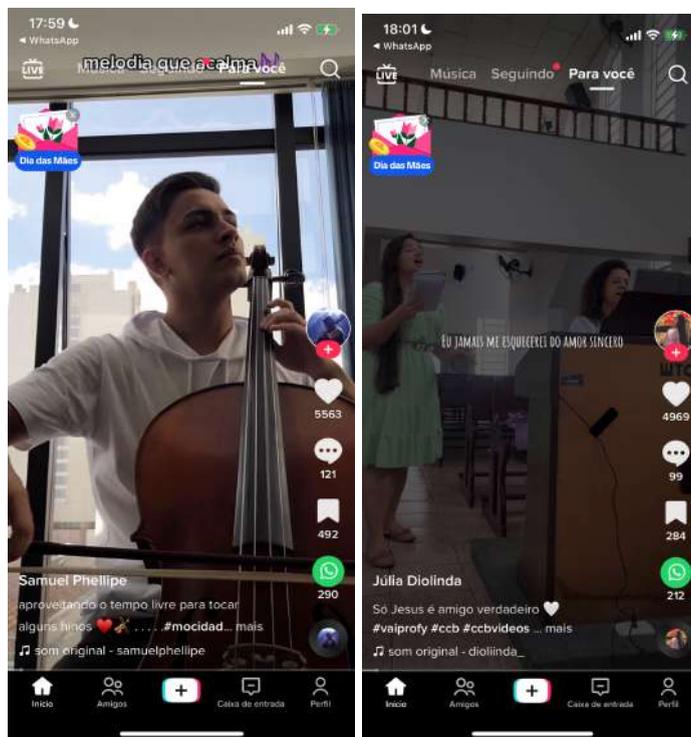


Figura 10: Vídeos mostram tradição musical da CCB.

Não há dúvidas que a CCB mantém uma tradição sólida na formação de músicos e orquestras em todo o mundo. Porém, na semana em análise, surgiu um vídeo em destaque mostrando o recorte de uma apresentação recente de músicos da CCB no teatro da Fábrica de Cultura Curuça, na cidade de São Paulo. O evento gratuito que é conhecido como "tocata" foi preparado pela Organização de Tocatas no Brasil, grupo cuja organização é composta por músicos da CCB, e arrecadou doações para a obra de piedade da denominação. O vídeo mostra músicos da CCB com seus instrumentos ao alto, cantando uma canção cujo trecho gravado é "Eu vou vencer / Eu vou vencer / Em nome do Senhor Jesus".

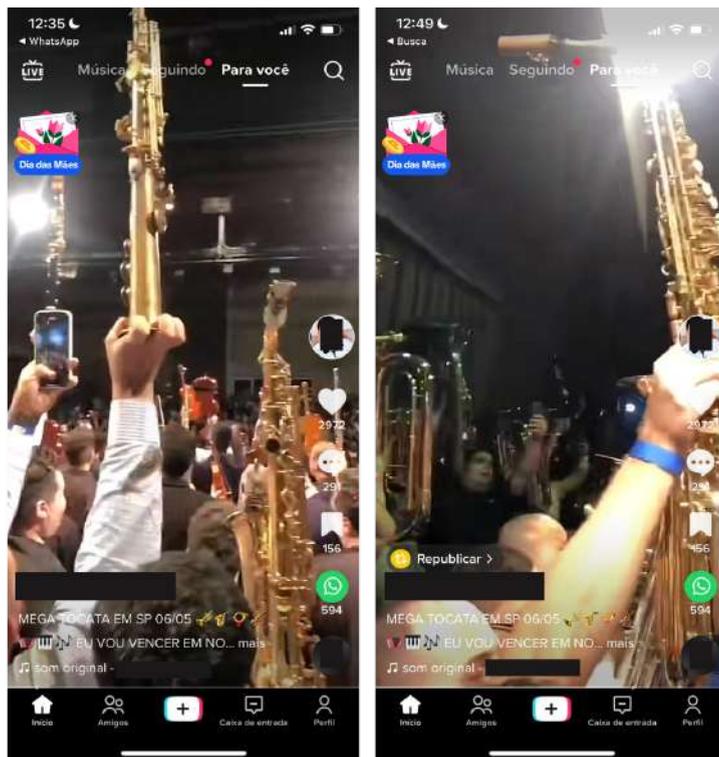


Figura 11: Músicos da CCB erguem instrumentos enquanto cantam.

No entanto, o que encontramos a partir desse vídeo são desdobramentos interessantes para esta pesquisa. Por tratar-se de um conteúdo que vai contra posicionamentos oficiais da denominação, optamos, daqui em diante, em ocultar informações que pudessem identificar os criadores e aqueles que participaram da gravação.

A polêmica denominacional que envolve esses ajuntamentos de músicos se dá pelo fato de serem realizados em outros espaços "não sagrados", com presença de plateia. Somado a isso, mesmo as músicas tocadas fazerem parte da coletânea de hinos da denominação, novos arranjos são feitos, o que é encarado como uma "desvirtuação" dos compassos tradicionais. A situação de conflito parece ganhar maior peso por serem esses movimentos registrados e distribuídos nas redes sociais digitais, principalmente no TikTok.

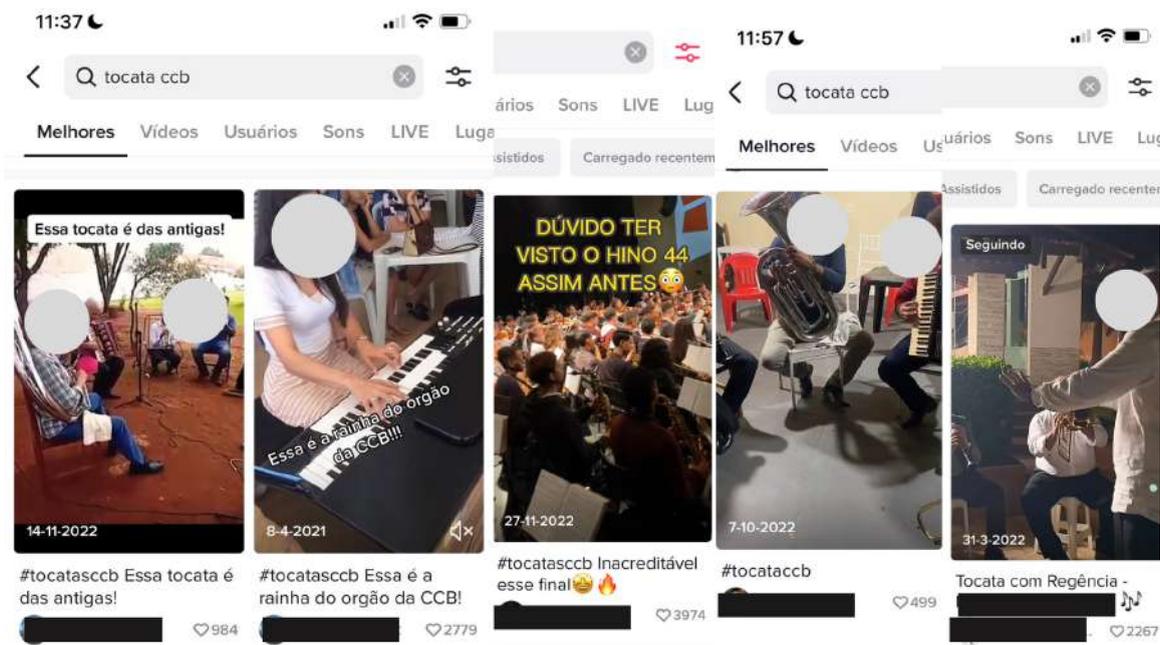


Figura 12: Vídeos de tocatas de músicos da CCB no TikTok.

Esse movimento tem desagradado o corpo administrativo da CCB, que, no início de maio de 2023, em reunião transmitida via Youtube, comunicou que a CCB não apoia e nem incentiva a realização desses eventos e ministérios. Acrescentando também que os líderes envolvidos em tocatas sofrerão sanções, como a perda dos cargos. Poucos dias após as falas, inserindo na busca do TikTok o termo "tocata ccb proibida", já é possível ver a repercussão do pronunciamento da cúpula da CCB no TikTok. Algumas em tom de humor ao produzir memes do assunto; outras vão em um sentido de indignação.

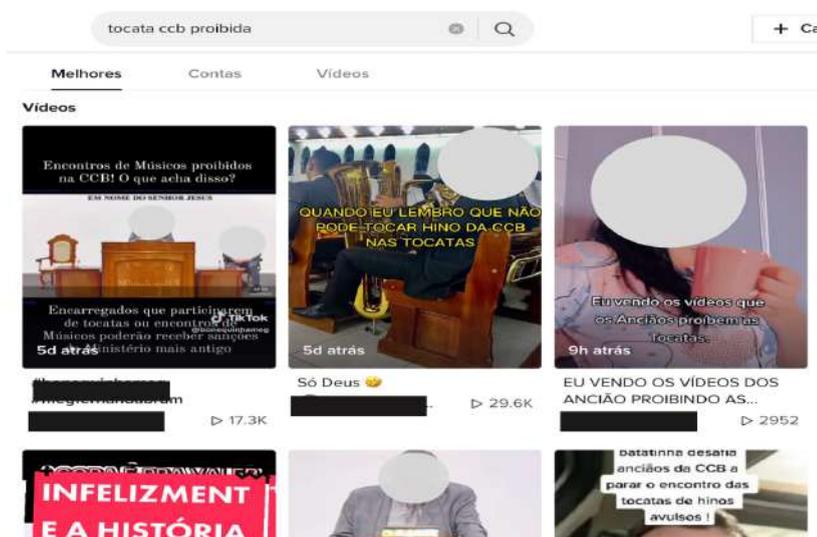


Figura 13: Vídeos no TikTok abordando o assunto da proibição de tocatas.

Em resumo, ao que foi possível perceber, o movimento de tocatas não é uma novidade na tradição da CCB, mas sempre aconteceu de forma relativamente isolada, em círculos quase que domésticos. Porém, com as redes sociais digitais, as tocatas ganham novos contornos por conta do poder de mobilização e distribuição de conteúdo que essas plataformas oferecem.

Outro relevante acréscimo a ser feito sobre o assunto é que, paralelamente as produções de conteúdo no TikTok sobre o assunto das tocatas, circula em grupos de WhatsApp um documento intitulado "ato pela liberdade da orquestra", sem assinatura nominal mas afirmando ser signatário um grupo com mais de 10 mil pessoas, que pede uma retratação por parte do Conselho de Anciões quanto as falas proferidas durante a reunião transmitida pelo YouTube, pois dizem ter havido assédio moral. O grupo também faz outras reivindicações na área musical da igreja e afirma que fará um ato pacífico na sede da igreja no Brás no dia 28 de junho de 2023²⁰ para que as mudanças demandadas sejam acolhidas.

No dia 10 de maio de 2023, a circular nº 156, disponível no site da denominação, traz um "aviso ao ministério e irmandade":

Caros irmãos, A paz de Deus. A conduta dos cristãos deve refletir, como um espelho cristalino, os valores espirituais recomendados no evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Assim que, aqueles que nasceram de novo, sendo gerados pela palavra de Deus e recebendo em si mesmos o espírito de Deus, são pessoas mansas, santas, honestas e pacíficas, sendo eles interessados no bem comum da obra de Deus. Aconselhamos a nossa irmandade a que não se deem a conflitos, antes, pelo contrário, sejam pacíficos e amigos da paz (CCB, circular nº 156, 10/05/2023).

Não é possível afirmar que a circular acima é uma resposta administrativa quanto aos movimentos de reivindicação que tem se levantado. Nem ao menos é possível afirmar que tal protesto acontecerá. Entretanto, é certo que algo novo surge na tradição da denominação: a contestação pública de adeptos ativos quanto a determinações comunicadas pela cúpula denominacional, indicando uma articulação horizontalizada. Hoover (2014) aponta que esse movimento de autonomia e emancipação da instituição religiosa por parte dos adeptos quanto à autoridade das lideranças religiosas, gerando o enfraquecimento na autoridade de líderes,

²⁰Apesar do documento "Ato pela liberdade da orquestra" marcar a manifestação para o dia 28/06/2023 (quarta-feira), em vídeos do TikTok a data divulgada para o ato é 28/05/2023, um domingo, dia oficial de cultos na CCB. Ao que tudo indica, a data do documento que circula está incorreta.

instituições e doutrinas, só é amplamente entendido quando há um reconhecimento da atuação da mídia nessas transformações. De fato, percebe-se que esse levante tem como suporte essa descentralização de diálogos que, sem limites, é dada pelas redes sociais digitais a quem quiser, mesmo que isso infrinja dogmas importantes, como refutar vozes que tradicionalmente são encaradas como detentoras da vontade divina.

3.5 Categoria: Contra-tradição

Como afirma Bardin (2016), o acontecimento, o acidente e a raridade possuem, por vezes, um sentido muito forte que não deve ser abafado. Dessa forma, mesmo que raras, não há como passar por alto a ocorrência de dois vídeos encontrados no período de recorte analítico.

Nos dois vídeos, a questão abordada é a atitude tomada que vai contra os costumes da CCB e que impacta, principalmente, a vida das mulheres: o cabelo. A igreja orienta as mulheres a não cortarem os cabelos. Por isso, até podemos dizer que uma das representações estéticas da mulher na CCB são os longos cabelos. O ensinamento sobre os cabelos longos entre as mulheres divide a fronteira entre costume e doutrina. Para aquelas que possuem ministério, a aderência do costume é encarada como uma espécie de doutrina e um marcador de "devoção" e separação do que é profano.

Para não serem contaminados e corrompidos pelas coisas, paixões e interesses do mundo, os líderes pentecostais procuram imprimir na conduta dos fiéis, desde a conversão, normas e tabus comportamentais, valores morais, usos e costumes de santificação. Infundem neles o desejo de viver o Evangelho de acordo com o mais puro ascetismo de rejeição do mundo [...] de modo a distanciá-los de coisas, atitudes, valores e instituições do incrédulo porém tentador mundo circundante (MARIANO, 1999, p. 190).

Entretanto, nessas duas produções, as duas criadoras de conteúdo mostram que tomaram outra atitude com relação aos cabelos. Com cabelos curtos, elas aparecem no vídeo para abordar o fato de tomarem a atitude que vai contra um costume estabelecido pela denominação. O motivo pelo qual cada uma decidiu cortar o cabelo é diferente, porém, as duas compreendem que a decisão gera

efervescência na comunidade. Além disso, indicam que estar fora do padrão estético da CCB não as desqualifica como parte da comunidade da CCB.

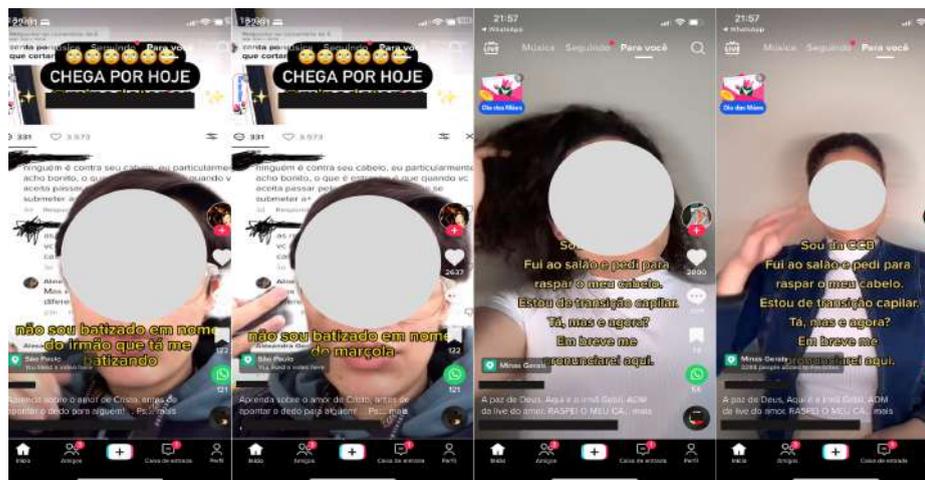


Figura 14: Mulheres da CCB cortam o cabelo e postam no TikTok.

O que chama atenção para a produção não é somente o fato dessas mulheres, individualmente, a despeito da tradição e dogma, tomarem uma decisão impactante para o contexto religioso no qual vivem. Mas é a iniciativa de abrir a questão em suas redes sociais digitais, explicando seus argumentos e fazendo uso dessa mídia como um meio particular de esclarecimento e prestação de contas sobre a decisão. Isso faz com que o TikTok assuma uma posição importante como organizador social, regulando o novo ordenamento religioso desse grupo de mulheres.

Para além disso, a partir dessas inferências, foi possível identificar que os âmbitos de circulação de conteúdos ultrapassam largamente os universos particulares da denominação. Com isso, mesmo que a CCB tenha se constituído como um grupo discreto, particular, reservado ao proselitismo interpessoal e pouco afeita ao uso das mídias, com as possibilidades oferecidas pelas plataformas sociais digitais, a recepção e a readaptação de conteúdos que tratam de assuntos particulares da denominação, passa a ser também jurisdição do usuário, que não necessariamente faz parte daquele contexto religioso.

é feita por públicos distintos mostra que

Lövheim e Hjavard (2019) atribuem essa regulação ao impacto da midiaticização e, com isso, o enfraquecimento da religião, pois "quando a mídia se torna o principal local de engajamento público com a religião, o papel das

organizações e autoridades religiosas para controlar o uso e o significado dos símbolos entre os crentes é reduzido (p. 209).

Afinal, é por meio da plataforma que elas compartilham suas experiências, fazendo o incomum tornar-se conhecimento comum (HJAVARD, 2013). Assim, o discurso contra-tradição que costumeiramente ocorreria junto à mediação de uma instituição religiosa e sua comunidade, é transferido para as mãos de uma plataforma midiática. "A mídia se torna parte integrante do funcionamento de outras instituições, ao mesmo tempo que alcança certo grau de autodeterminação e autoridade, obrigando tais instituições, em maior ou menor medida, a submeter-se à sua lógica" (HJAVARD, 2013, p. 16).

Sendo assim, a decisão pelo afastamento das mídias que vem guiando a CCB em toda a sua história, parece não ser uma opção que permanece nas mãos dessa instituição religiosa. Como condição estrutural da sociedade, não existe mais a dicotomia que separa uma organização – e até mesmo um indivíduo – colocando barreiras à midiatização. Por isso, o processo não é uma escolha, mas uma realidade prevista que tem promovido novos significados a partir dos próprios adeptos que expõem a perspectiva da sua fé em seus perfis pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se insere na trilha de estudos que abordam a midiatização da religião, sobretudo, aqueles que dedicam-se ao entendimento das religiosidades praticadas por grupos pentecostais brasileiros e suas articulações com as mídias. O momento parece particularmente propício para um estudo dessa natureza, considerando que indicações demográficas sugerem que o Brasil está passando por uma profunda transição religiosa, prevendo os estudos²¹ que até 2032 o maior grupo religioso brasileiro será composto por evangélicos. Trata-se de um cenário diferente daquele traçado na parte introdutória desta pesquisa, onde a hegemonia católica ditava – praticamente de forma estatal – a sociedade brasileira até o início do século 20.

Note-se, de saída, a aparente lacuna acadêmica existente quanto aos estudos em Comunicação tendo como objeto a CCB, sendo hoje o segundo maior grupo religioso pentecostal do Brasil. Este trabalho também busca ser uma forma de situar esta denominação nos diálogos acadêmicos interessados nas áreas da midiatização religiosa, mostrando que tem havido neste grupo um fenômeno comunicacional relevante que vale a dedicação de pesquisa.

Um desses pontos dogmáticos tem a ver com o afastamento histórico da CCB em relação aos meios midiáticos. Em meados de 1960-1970, quando as denominações protestantes e pentecostais passam a adotar o rádio e a televisão como ferramenta proselitista, a distância entre a CCB e os demais grupos religiosos evangélicos passa a ser cada vez mais acentuada. De um lado, as igrejas evangélicas passam a colonizar os meios de comunicação de massa. Do outro, a "igreja do véu" recomenda enfaticamente que seus membros não tenham contato com literaturas e programas de rádio e televisão de outras denominações.

No contexto digital, a CCB conta com um domínio oficial onde disponibiliza publicamente o mínimo de informações, suprimindo até mesmo a sua trajetória centenária em pouco mais de 20 linhas, sem nenhuma imagem ou caracterização que construa o cenário inaugural da denominação. Mas podemos dizer que a partir de 2020 a CCB começa a viver uma nova fase do ponto de vista comunicacional.

²¹ Futuro evangélico: eles serão maioria, mas o que pensam e o que querem?: <https://www.uol.com.br/play/videos/tab/2022/09/26/ser-evangelico-no-brasil-documentario-evangelicos.htm>

É possível ver os padrões de midiatização a partir destas produções, onde as práticas e tradições da denominação são apresentadas e dispostas conforme as estruturas que a plataforma oferece, por exemplo, as *trends*, narrações do cotidiano denominacional ou conteúdos que respondem às dúvidas feitas nos comentários. Essa religiosidade fluída, a partir das experiências de adeptos "sem ministério" e expostas no TikTok, tem aberto as portas de uma denominação considerada exclusivista e reservada, visto que as mídias possuem a capacidade de criar e manter comunidades, além de regular as relações e o sentimento de pertença do indivíduo para com a sociedade como um todo (HJAVARD, 2014).

Mesmo não sendo o foco desta pesquisa, observamos os comentários feitos em resposta a essas produções. Algumas interações sugerem aumento na curiosidade em conhecer melhor o grupo, trazem dúvidas sobre o contexto da tradição apresentado no vídeo e sugere interesse espiritual particular na denominação. Assim, para estudos futuros, podem ser feitas pesquisas que observem as interações comunicativas com os conteúdos, pois esse insumo pode apresentar uma outra faceta para a compreensão do fenômeno no qual a instituição tem vivido e que pode impactar na mudança no perfil de adeptos da crença, que até poucos anos concentrava seu proselitismo nas relações interpessoais, como amigos e familiares, mas que podem gerar um crescimento sem tradições, algo tão caro para o grupo religioso.

Não há como prever o que a CCB vai fazer a respeito da midiatização que já reside em seu tecido social, potencializada principalmente durante a pandemia. O que é percebido é que há tensões entre a posição administrativa da CCB e os agentes religiosos, que disputam espaço no reconhecimento dos discursos que traduzem a fé, os costumes e a doutrina da CCB. No centro da questão, estão as mídias sociais digitais que parecem oferecer liberdade para que esses indivíduos, em seu cotidiano, abordem suas crenças e tradições na linguagem propícia das redes. Ao entendimento desta pesquisa, até o momento, a CCB tem optado em encarar a questão da mesma forma que sempre fez: em tom combativo, comunicando a irmandade que o aconselhamento ou decisão do ministério quanto a relação com as mídias deve ser acatado. Estratégia que tem se mostrado infrutífera, porém é coerente à característica de uma denominação resistente ao processo de midiatização, que visa demarcar fronteiras pela via negativa (MARTINO, 2015).

Há muito campo a ser explorado na relação da mídiatização da religião pós período pandêmico, sobretudo, em grupos religiosos resistentes à aceitação do processo característico da modernidade tardia. Mas, ao que foi possível entender até o momento, é que a comunhão on-line, independente da plataforma, não deve ser encarada apenas como utilitária às questões emergenciais, mas, a partir disso, deve ser vista como um movimento propício para reflexões sobre tradições e dogmas carregados até o momento, que no contexto atual tem sido útil apenas para cristalizar uma comunidade religiosa centenária.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. **Notas Sobre a Religiosidade Tecnológica**¹. 2019.

ANTONIAZZI, Alberto. A Igreja Católica face à expansão do pentecostalismo.
ANTONIAZZI, A. et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. **Animus**, v. 5, n. 2, p. 9-35, 2006.

_____. Circuitos versus campos sociais. **Mediação & Mdiatização**. Salvador: EDUFBA, p. 31-52, 2012.

BRAZ, Polyanny Lillian do Amaral. **O corpo santo: construção e performance do corpo religioso das mulheres da Congregação Cristã no Brasil**. 2015.
Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Católicos, protestantes, espíritas**. 1973.

CAMPBELL, Heidi. **When religion meets new media**. Routledge, 2010.

_____. **Revisiting the distanced church**. 2021.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, n. 67, p. 100-115, 2005.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. **Religiões em movimento: o Censo de**, p. 63-87, 2010.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em: 13 fev. 2023.

CUNHA, M. do N.; NOVAES, A. M. (Orgs.). **Dicionário Brasileiro em Comunicação e Religiões**. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2021.

CUNHA, Do Nascimento Magali. Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações. **Estudos de religião**, v. 24, n. 40, p. 33-51, 2010.

_____. Religions in the media polis: mediatization, Protestants and politics in Brazil. **Networks, society, and polis: epistemological approaches on mediatization**, v. 2, p. 143, 2020.

DA SILVA, Odlinari Ramon Nascimento; COSTA, Luciana Miranda. Fé digital: estratégias comunicacionais no contexto de uma sociedade midiaticizada em pandemia¹. **Discursos y contenidos en el entorno digital.**, p. 181.

DEITOS, Nilceu Jacob. **Representações Pentecostais no Oeste Paranaense: A Congregação Cristã do Brasil em Cascavel 1970-1995**. Dissertação de mestrado em História do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, 1996.

DYER, John. The biggest challenge for churches at this time. **The distanced church: Reflections on doing church online**, p. 53-54, 2020.

FRANCESCON, L. **Histórico da obra de Deus**. Chicago: [s.n.], 1942.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org.). **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1994, p. 67-159.

FOERSTER, Norbert Hans Christoph. **A Congregação Cristã no Brasil numa área de alta vulnerabilidade social no ABC paulista: aspectos de sua tradição e transmissão religiosa – a instituição e os sujeitos**. Tese de doutorado em Ciências da Religião. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo-SP, 2009.

GOMES, Pedro Gilberto. Mediatization, spirituality, and Internet¹. **Between what we say and what we think: Where is mediatization?**, v. 1, 2018.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. Editora Unisinos, 2014.

HOOVER, Stewart M. **Religion in the media age**. Routledge, 2006.

_____. Mídia e religião: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático. **Comunicação & Sociedade**, v. 35, n. 2, p. 41-68, 2014.

KOŁODZIEJSKA, Marta. What can the COVID-19 pandemic tell us about the connection between media and religion? The case of the Seventh-Day Adventist

Church in Poland. **Z Religion Ges Polit** 6, 27–41 (2022).

<https://doi.org/10.1007/s41682-021-00091-z>

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIANO, André Luiz de Castro. Congregação Cristã no Brasil: análise antropológica da primeira denominação pentecostal brasileira [tese de doutorado]. 2021. Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista, 2021.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A mediatização do campo religioso: esboço de uma síntese possível. **Comunicação & Informação**, v. 18, n. 2, p. 6-21, 2015.

_____. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Editora Vozes Limitada, 2017a.

_____. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais**. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2017b.

_____. **Métodos de Pesquisa em Comunicação: projetos, ideias, práticas**. Editora Vozes, 2018.

MASSUCHIN, M. G.; BARBA SANTOS, M. . A intersecção entre desinformação, religião e pandemia: a atuação de canais religiosos no youtube no contexto da covid-19. **Tropos: comunicação, sociedade e cultura (ISSN: 2358-212X)**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4537>. Acesso em: 23 mar. 2023.

_____. Congregação Cristã no Brasil e mídia: uma denominação na contramão das Igrejas pentecostais. **Teologia e Espiritualidade**, vol. 6, no 12. Curitiba. Dez/2019. p. 65-84.

MAFFESOLI, M. A terra fértil do cotidiano. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 15, n. 36, p. 05–09, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2008.36.4409. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4409>. Acesso em: 12 maio. 2023.

MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda. **Mediação & midiatização**. EDUFBA, 2012

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. Edições Loyola, 1990.

MONTEIRO, Yara Nogueira. Pentecostalismo no Brasil: Os desafios da pesquisa. **Revista de Cultura Teológica**, n. 13, p. 7-20, 1995.

_____. Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário, a trajetória de uma igreja brasileira. **Estudos de religião**, v. 24, n. 39, p. 122-163, 2010.

_____. Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário, a trajetória de uma igreja brasileira. **Estudos de religião**, v. 24, n. 39, p. 122-163, 2010.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. ASTE, 2003.

STOKEL-WALKER, Chris. **TikTok boom: China's dynamite app and the superpower race for social media**. Sourcebooks, Inc., 2023.

LEITE, Sérgio Araújo. **Entre o Rito e o Cotidiano: As Mulheres da Igreja Congregação Cristã no Brasil da cidade de Carapicuíba**. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, 2008

LÉONARD, Émile-G. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social**. ASTE, 1952.

LÖVHEIM, Mia; HJARVARD, Stig. The mediatized conditions of contemporary religion: Critical status and future directions. **Journal of Religion, Media and Digital Culture**, v. 8, n. 2, p. 206-225, 2019.

VALENTE, Rubia R. Institutional explanations for the decline of the Congregação Cristã no Brasil. **PentecoStudies**, v. 13, n. 1, p. 72-96, 2015.

_____. From Inception to Present: The Diminishing Role of Women in the Congregação Cristã no Brasil. **Pneuma**, v. 37, n. 1, p. 41-62, 2015.

APÊNDICE

	Legenda	Conteúdo	Link
1		Trend	https://www.tiktok.com/@raissapego1/video/7216472014406683909
2	<p>O final é o melhor KKKKK</p> <p>Quem aí já encontrou sua vasa? Quem ainda não achou, então cante profetizando, pois vai achar!</p> <p>Eu vou ser genro do pastor </p> <p>Se liga nessa nova paródia do @varoaieorai em parceria com o @debochadosdableia e o lindo cenário de Balneário Camboriú/SC.</p>	Não elegível	https://www.tiktok.com/@gustavo.hbc/video/7229823077616553222
3	#fy #look #domingo #ccb #ccbbrasil #ccbmocidade #fypage	Trend	https://www.tiktok.com/@_adrioleoliveira/video/7230474329706876166
4	<p>Eu e meus amigos quando vamos congreguar, laí você acertaria os hinos?!  </p> <p>#ccb #cristao #mocidadeccb #foryou #ccbbras #mocidade</p>	Cotidiano-Tradição	https://www.tiktok.com/@elainetury/video/7228249328282815749
5	Já me fizeste, cidadão dos céus!  	Cotidiano-Tradição	https://www.tiktok.com/@patriacia_scb/video/7229885313701743878
6	aproveitando o tempo livre para tocar alguns hinos	Cotidiano-Tradição	https://www.tiktok.com/@sam

			uelphellipe/video/7228227353296620806
7	Elyse Prado moda modesta	Estilo	https://www.tiktok.com/@elyseprado/video/7228668004458843397
8	Reuniao da Mocidade em Maceió Ainda cabe mais kkkkkk	Trend	https://www.tiktok.com/@mariane_vitoria15/video/7228576166334991622
9	So quem e da CCB sabe haha	Trend	https://www.tiktok.com/@eunatanaleofcc/video/7228368879892909317
10	DEUS É BOM É BOM 	Cotidiano-Tradição	https://www.tiktok.com/@corderinho441/video/7228761659353943302
11	Reunião da Mocidade em Boston 	Cotidiano-Tradição	https://www.tiktok.com/@paulo_lurznik/video/7228637749039877382
12	Hino 311. TEUS TESOUROS REVELASTE 	Cotidiano-Tradição	https://www.tiktok.com/@music_orgao_ccb/video/7228638937617566981
13	Só Jesus é amigo verdadeiro 	Cotidiano-Tradição	https://www.tiktok.com/@diolinda_/video/7230192487040617733
14	#ccb #ccbbrasil #ccbmocidade #ccbhinsoficial #fyppage #tiktokpage #fypシ #viral #ccbhinsoficial	Trend	https://www.tiktok.com/@s.sthays/video/7230167715317681414

15	Ensaio regional em Massachusetts - EUA Meus links estão na bio...	Cotidiano-Tradição	https://www.tiktok.com/@statu_sccb/video/7228645101164186886
16	gostaram do look??? @ da loja no app vizinho	Estilo	https://www.tiktok.com/@laryg_aabi/video/7228747497244527877
17	#orgaoccb  #orgaoccb  #mocidade #grandefoiaguerra #hinoavulsoccb #ccb #jovensccb #jovenscristaos #ccbvideos #ccbhinoss #ccbbrasil #mocidadevirtuosaccb	Cotidiano-Tradição	https://www.tiktok.com/@sabrina_morais2/video/7228286276493987077
18	Quem me dera 😞 #ccb #mocidadeccb #cristao	Trend	https://www.tiktok.com/@viih.carlus/video/7228393279912480006
19	#ccbmocidade #ccbvideos #fypage #fypagee #viraltiktok #amigasprasempre	Trend	https://www.tiktok.com/@__adrialeoliveira/video/7229119632706178310
20	O momento mais marcante desse ensaio! Impossível não sentir a presença de Deus!	Cotidiano-Tradição	https://www.tiktok.com/@diolinda_/video/7228979660175035653
21	#ccb #ccbbrasil #ccbmocidade #ccbvideos #ccbhinsoficial #ccbmensagens #ccbhinoss #ccbbrasil  <u>#ccbbras</u> #ccbmotivacao #marcaodecabreuva #ccbcabreuva  santo #ccbcabreuva #ccbcabreuvabomfim #TikTokPromote #louvor	Cotidiano - Tradição	https://www.tiktok.com/@fernandoamorimccb15/video/7230160754727570693

	#hinosccb #viralizarnotiktok #virall #fernandoamorimccb15oficial #fernandoamorimccb15 #cristão #ccbmusicosorganista #ccbhinosavulsos #assembleiadedeus		
22	Eu e meus amigos, depois que acaba o culto no Brás kakak 😂❤️	Cotidiano-Tradição	https://www.tiktok.com/@elainetury/video/7229709284676816134
23	Acredite! Deus ama muito você!	Não elegível	https://www.tiktok.com/@mensagensdesperanca/video/7228632773475536134
24	#fypシ #fypfdp #ccb #ccbbras #congregacaocristãdobrasil #mocidadeccb #mocidadeccb #ccbfy #ensaiosccb #rdm #rdmccb #forgou #fyy	Trend	https://www.tiktok.com/@s.sthays/video/7228772723676302597
25	Aprenda sobre o amor de Cristo, antes de apontar o dedo para alguém! . . Ps: não ligo para esse tipo de comentário! Não me afeta esse tipo de coisa.	Contra-tradição	https://www.tiktok.com/@minadotenor/video/7228758310411898118
26	hino 278 ensaio regional Maceió 01/05.	Cotidiano-Tradição	https://www.tiktok.com/@mocidadesucupira/video/7229368308951272709
27	Dica de Milhões ✨ gostaram e me conta como vc lava o seu!?	Cotidiano-Tradição	https://www.tiktok.com/@amo veuccb/video/7228756476565703941

28	#CapCut #ccb <u>#mocidadeccb</u>	Estilo	https://www.tiktok.com/@larygaabi/video/7229749387893705990
29	#ccb #ccbbrasil #ccbmocidade #ccbvideos #ccbhinsoficial #ccbmensagens #ccbhinsoficial #ccbmocidade 🌻💕 #musicosccb #assembleianosdevalor #assembleiadedeus #ccbigrejas #ccbtiktok #ccbvideos💙🔥 #ccbcabreuva #ccbvideostiktok #ccbcabreuvabomfim #marcaodecabreuva #louvor #hinosccb #hinosevangelicos #ccblouvor #viralizarnotiktok #virall #fernandoamorimccb15oficial #fernandoamorimccb15 #ccbmundo #cristão #ccbmusicosorganista #ccbhinsoficial #ccbhinsoficial #ccbhinsoficial	Cotidiano-tradição	https://www.tiktok.com/@fernandoamorimccb15/video/7228987670796553478
30	#ccb #ccbbrasil #ccbmocidade #ccbvideos #TikTokPromote #ccbhinsoficial #ccbmensagens #ccbbrasil💙💙 #ccbbras #ccbmotivacao #fy #fyp #fypシ #fypage #fypシ viral #foryou #viraltiktok	Trend	https://www.tiktok.com/@adrianofc70/video/7229078798401113350
31	😊#ensaiolocalccb #ensaio #ccb #jovens <u>#mocidadeccb</u>	Estilo	https://www.tiktok.com/@andressaacastro/video/7228639028982189318
32	#ccb #grandefoiaguerra <u>#mocidadeccb</u>	Cotidiano-Tradição	https://www.tiktok.com/@arian

	<p>#hinosavulsos #ccbmocidade #avulsosccb #mocidadevirtuosa #mocidadevalente #mocidadeccb 🤍🤍🤍🤍 🤍🤍 #ccborganista #ccbvideos</p>		<p>aryba/video/72 286465538403 07461</p>
33	<p>Um vestido perfeito, para compras acesse o nosso site, o link está na descrição do perfil. ♥ #VestidoEvangelico #ModaEvangelica #Modagospel #Mocidadeccb #Vestidolaise #Mocidadeccb #lookdoculto #crentestiktok #evangelicasestilosas #influencercrista #Vestidofesta #LojaEvangelica</p>	Estilo	<p>https://www.tikt ok.com/@louvr emodas/video/ 722947241223 5009285</p>
34	<p>👏👏🤍</p>	Trend	<p>https://www.tikt ok.com/@post _ccb/video/722 895369260984 2437</p>
35	<p>De qual hinario são essas notas? 1,2,3, ou 5 🤔 #ccbbrasil #mocidadeccb #ccbvideos #hinosccb #</p>	Trend	<p>https://www.tikt ok.com/@andr eiasimaobrito/v ideo/72289914 34001517830</p>
36	<p>MEGA TOCATA EM SP 06/05 🎺🎷🎸🎻🎹🎵 EU VOU VENCER EM NOME DO SENHOR JESUS 🙏</p>	Cotidiano-Tradição	<p>https://www.tikt ok.com/@paul o_lurznik/video /723060115173 1731717</p>
37	<p>Eu conhecendo a igreja do Brás pela primeira vez, vocês ja conheceram o Brás!?</p>	Cotidiano-Tradição	<p>https://www.tikt ok.com/@elain etury/video/722 908917307906 7910</p>
38	PALAVRA DO CULTO	Cotidiano-Tradição	<p>https://www.tikt</p>

	<p>ONLINE NA MANHÃ DESSE DOMINGO 07/05 O FIM DAS COISAS É MELHOR DO QUE O INÍCIO 🙏❤️</p> <p>IR. SÍLVIO MESQUITA ANCIÃO DO BONSUCESSO GUARULHOS E DA CENTRAL DE MOGI DAS CRUZES SP</p>		<p>ok.com/@paul o_lurznik/video /72305857439 93851142</p>
39	<p>é a beca 😊❤️ #ccb #mocidadeccb #ccbbrasil</p>	Estilo	<p>https://www.tiktok.com/@becantunesz/video/7228969962247851269</p>
40	<p>A paz de Deus, Aqui é a irmã Gabii, ADM da live do amor. RASPEI O MEU CABELO, sim é verdade! Estou muito em paz com a minha decisão, porém eu seria muito ingrata com todos vocês, se eu não viesse aqui compartilhar este acontecimento. Claro que cabelo cresce, e ninguém é obrigado a dar satisfação pelo que faz ou deixou de fazer, mas nós domésticos bem sabemos dos ensinamentos e doutrina, por isso todo cuidado, humildade, atenção e respeito são imprescindíveis.</p> <p>Conto com a compreensão e oração de todos vós.</p> <p>Deus abençoe.</p>	Contra-tradição	<p>https://www.tiktok.com/@ccb_s2/video/7230248565250051333</p>